Companhia Das Letras

Pequena coreografia do adeus

Aline Bei

Autora de
O peso do pássaro morto

"QUANDO O MUNDO ESTIVER UNIDO NA BUSCA DO CONHECIMENTO, E NÃO MAIS LUTANDO POR DINHEIRO E PODER, ENTÃO NOSSA SOCIEDADE PODERÁ ENFIM EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."

ALINE BEI

Pequena coreografia do adeus

el que no anduvo su pasado/
no lo cavó/ no lo comió/ no sabe
el misterio que va a venir

Juan Gelman

para todos aqueles que procuram uma Casa dentro de casa
em especial aos que procuram
desesperadamente.

Sumário

Landmarks

Júlia

o vento que batia na praça era típico de fim de outono
e eu era uma menina
me despedindo
lentamente
da própria infância
brincando, mas sentindo
o peso da culpa por ainda brincar, o ideal seria
estar tomando um banho
com bucha
depois passar perfume
no corpo
pintar as unhas
para então me vestir como se fosse uma ocasião especial.
por isso eu brincava envergonhada, na testa uma lâmpada
iluminando
este aviso: *não era para você estar aqui*
já que meus pelos
involuntários

protegiam o lugar onde antes era só xixi e o leve formigamento
quando a pele encontrava a calcinha muito rente
isso gerava um
flutuar no meu corpo
e me fazia ter a dimensão do mistério que era aquele lugar.
nesse dia, na praça
eu estava com uma amiga do bairro.
a mãe dela que nos trouxe
de carro
agora lia um jornal enquanto nos esperava. ela era mais bonita do que a minha mãe
cheirava melhor também.
tinha um cheiro de
erva-doce despreocupado.
já minha mãe tinha cheiro de
banana sem casca
estragando, estava sempre ocupada com os afazeres domésticos
e com as demandas emocionais da própria existência.
de vez em quando, deixava eu sair para brincar com alguém.
isso se eu já tivesse secado a louça
e estendido a roupa
e assistido à sua fúria contra as injustiças que lhe eram dirigidas, resumindo:
quando minha mãe não precisava mais
de público, então eu podia sair
pra brincar.
foi o caso do dia na praça
e quando chegamos
minha amiga, a Tetê, queria montar uma cidade, trouxe

bola e energia nas mãos.

ela estava infantil de um jeito ridículo, muito acesa, se importando pouco com os meninos que passavam por nós. já eu estava mais introspectiva, queria brincar de vida íntima das bonecas, por isso me afastei um pouco

e enquanto a Tetê, toda Solta, fazia um grande castelo

no *Ar*

eu levantei timidamente

a minha boneca Nádia M

imaginei que era o dia do batismo dela.

eu não queria ser uma mãe como a minha, gostaria de ser mais parecida com a mãe da Tetê. por isso fiquei olhando o vento agraciar o cabelo da dona Sandra e também as folhas do seu jornal.

depois levantei o rosto

e deixei que o vento agraciasse

a minha vida

estava fazendo nascer

uma boa mãe

em mim.

depois eu apresentei

a minha filha Nádia M

aos anjos, quando

para a minha completa Surpresa

por entre os cabelos

loiros de náilon

eu Vi

do outro lado da praça

o meu Pai.

forcei os olhos, não é possível

ele caminhava
a dois palmos do chão.

parecia mais jovem também, quase um estudante
universitário, cheio de
sonhos e
mãos entrelaçadas com
uma Mulher vestida de ouro e cabelo curto.

não me movi, na verdade eu
mal conseguia respirar.

era como se eu tivesse levado um
Tiro,
algo em mim desistia
e ainda que doesse a vida olhá-los tão etéreos
tudo o que eu queria era seguir olhando
o caminhar daqueles dois na calçada agora feita de areia e sal.

continuei usando
o cabelo da Nádia M como escudo.

reparei que
a Mulher tinha sardas
no colo
e segurava a mão do meu pai, entrelaçada, tão bonita quanto uma atriz de cinema.

— *Júlia, Júlia! olha o meu Castelo, olha!* — minha amiga tagarelou.

— *Shiu.* — avisei, Imponente

eu era uma Espiã agora, será que ela não percebia?

foi quando o meu pai pegou na nuca da Mulher de sardas,
colocou a Boca lá.

os dois Sorriram

não sabia que meu pai tinha tantos dentes e
eu quis chamar
a Mulher de sardas
usaria a voz mais doce deste mundo, usaria
a minha ópera e a minha orquestra
e quando Ela finalmente se virasse
eu pediria, fazendo cara de cachorro triste: me Adote
hein, me Adote. ele é meu pai, então
você pode fazer isso sem medo.

foi quando Eles atravessaram
a rua como se
Dançassem

sumiram ensolarados

eu invisível

mas

pra mim eles ficaram
duas estátuas no meio da praça: uma mulher de beleza
cinematográfica
e

um homem feliz que era meu pai sempre triste quando estava ao meu lado

eu quis correr

atrás deles

matá-los com meu hálito de fogo

mastigar

aquela felicidade

manter do meu pai apenas o rosto e depois obrigá-lo a dizer eu te amo anda, diga eu/te/amo.

antes disso, ele responderia: antes você precisa tirar esse olho igual ao da tua mãe.

pois eu Tiraria

tudo o que é minha mãe em mim, e agora? Pai. agora eu sirvo pra você?

soltei a Nádia M

no chão da praça, a cabeça caiu do pescoço e eu Pisei

também nas formigas

que levavam folhas sabe-se lá pra onde enquanto a Morte fervia na sola dos meus pés.

comecei a brincar Forte

com a bola que a minha amiga trouxe.

— ei, Júlia. desse jeito você estraga, para. tá me escutando? Para!

parti

pra cima dela

— *você não cala a boca* (soco) *não cala essa boca* (soco)

a dona Sandra correu pra nos Separar.

tinha a expressão de um diabo no rosto (ficou ainda mais bonita daquele jeito)

me jogou

pra dentro do fusca

berrou

que teria uma conversa Séria com a minha mãe.

— *que absurdo.* — ela chorava dando partida. — *isso é um Absurdo!*

minha amiga de boca sangrando

no banco da frente

a mãe da minha amiga sangrando de raiva no banco da frente

eu também sangraria

em breve

quando a minha mãe tirasse a Cinta

do armário.

as surras que eu levava

eram as surras que a minha mãe levou

em looping

na minha pele, na pele dos filhos que ainda não tenho.

é o que chamam de carma ou: carregar uma pedra involuntária no coração.

— (passando a mão no cabelo da filha) *você tá bem, Tetê? tá doendo muito?*

e ainda que eu caísse de um tobogã altíssimo

ninguém passaria a mão no meu cabelo daquele jeito.

— tá tudo bem, mãe, foi só um susto.

É.   foi só um susto, pensei
enquanto as duas sorriam uma pra outra
e por incrível que pareça, meu ato
tinha fortalecido ainda mais aquela relação.

sabe, Pai
te ver andando com aquela Mulher na praça
me fez entender
que você saiu de casa porque a nossa casa
ou seja a Mãe
era um lugar inóspito para você derramar o seu amor
uma terra infértil, não chove
pelo contrário, o sol torra cada pedaço de vida de um jeito que não sobra nada no horizonte e ainda assim

eu nasci.

chegamos na porta da minha casa, Infelizmente.

antes, quando a dona Sandra me enfiou no carro, percebi que o jornal tinha ficado na praça, provavelmente
no banco, com as folhas voando ou
querendo voar.
eu ia avisá-la, mas
a voz
não saiu da boca, foi ali que o meu ato
começou a pesar em mim.
dizem que isso é o pior, não é? quando alguém comete um crime.
não o cárcere

ou o exílio
mas o encontro
com a própria consciência.

a mãe da minha ex-amiga saiu do carro.
saí também, as pernas
magríssimas, os joelhos
ossudos tentando
se esconder.
mas não tem volta, você é o meu corpo
e nós estamos juntos
nessa
e em todas, enquanto eu viver.

a dona Sandra tocou a campainha da minha casa
repetidas vezes
em um curto espaço de tempo.

minha Mãe atendeu secando a mão no avental.
tinha essa mania insuportável
de usar avental ininterruptamente
mesmo que estivesse vendo televisão.

Ela ouviu
imóvel

tudo o que aquela mulher tinha a lhe dizer sobre o meu Comportamento na praça, nenhuma das duas me dirigiu qualquer olhar.
procurei algum refúgio
no rosto da minha ex-amiga
que estava dentro do carro

protegida pelo vidro
e ela tampouco me olhou.

quando a dona Sandra terminou o seu discurso
foi embora falando sozinha, pensei que talvez estivesse praguejando.

entrou no carro, deu um abraço na Filha.
acelerou o fusca

e a rua ficou
em Silêncio, alheia a tudo.

entramos em casa, Infelizmente.

os Passos

pesados da minha mãe, uma mulher pequena, mas
Sisuda, me corroíam por dentro.
ela costumava falar muito, especialmente quando Brava, mas nesse dia se calou.

me deixou sozinha na sala por eternos minutos

ouvi
o barulho do fogão ligando
e pensei que ela esquentaria uma panela de água pra me queimar.

quando voltou somente com a Cinta
eu fiquei
bem mais calma
que bom
que vai ser o de sempre

e Foi,

um pouco mais longo que o normal. ela também me disse que
essa história de sair pra brincar tinha terminado
até porque eu já era uma moça
estava na hora de assumir algumas responsabilidades
— *isto aqui não é hotel.*

e enquanto ela falava
eu percebi que o meu coração
estava   longe
naquele dia, estranhamente
a Violência dela não me alcançou.
talvez porque
enquanto eu apanhava
e depois escutava
o sermão
reconheci na minha garganta
um formato
de semente
dentro a notícia
que ventou na praça: o pai tem Outra
(e que Outra!)
eis o grito
que não dei
mas poderia, pela primeira vez eu tinha algo nas mãos.

Anos depois.

encontrei ao acaso
a Mulher de sardas

em frente a uma floricultura.
dei a volta
no quarteirão, correndo e
fingi trombar
com ela:

— *Desculpa* — pedi olhando Bem para o seu rosto
que agora me parecia tão comum quanto um pedaço de pão.
as sardas
alargadas pelo Tempo
tinham um quê de mancha senil da morte
enquanto ela recolhia
da calçada
o que lhe caiu
da bolsa
inclusive um frasco
de perfume,

e eu?

como recolheria meus cacos se eles são invisíveis?

eu admirava a vida das outras pessoas, assistia ao movimento da rua pela janela do meu quarto, via

o porta-malas de um carro aberto

enquanto um sol nem forte nem fraco brilhava no céu

e a montanha esperava aquelas pessoas, pacientemente, a montanha ou talvez o mar.

os cachorrinhos latiam, quero ir também, por favor.

não pode, os donos avisavam

sempre de bom humor, é claro, afinal os seus natais e aniversários davam certo, havia bolo, liberdade e tudo fluía, o trânsito, as flores, o tempo.

da janela do meu quarto, eu encontrava algo de valioso na vida de toda e qualquer pessoa, revirava o passante

em Silêncio

analisando

cada gesto e cada porte, sempre à procura do brilho fundamental.

me sentia poderosa fazendo isso, dona

de um segredo secular.

outra coisa divertida aos meus olhos era a Música

e quando não estava tocando nenhuma

eu imaginava

uma melodia deslizante

pelos móveis.

sem canto, só nota

igual àquela que saía do caminhão de gás, deixando a rua mais bonita por alguns instantes e depois

saudosamente bonita, quando o caminhão acabava de passar.

eu gostava Tanto de música.

comecei a criar

trilhas imaginárias, se a minha mãe estivesse Brava, por exemplo, eu montava algo com orquestra. agora, se a fogueira materna estivesse mansa, então eu adormecia

nas cordas de um violão.

comecei também a colocar

coisas minhas

no papel

inspirada por Lupita, uma personagem da novela

que adorava deitar na cama

e derramar nas folhas

o dia agradável que tinha vivido

ainda por cima usava

uma tiara vermelha pra escrever.

que ótima ideia, pensei.

isso deve esvaziar a mente, deve ser como

jogar um balde

de água suja

no ralo do quintal.

peguei um caderno

que sobrou do ano passado, abri meu estojo.

pensei um pouco

mordendo a caneta, depois sentindo

o cheiro da minha saliva.

então decidi começar me apresentando, achei que seria mesmo o melhor caminho.

Querido diário,

Eu me chamo Júlia Manjuba Terra e não acredito no amor. Se eu pudesse escolher, gostaria de me transformar em uma música, porque além de bonita ela desaparece quando alguém desliga o rádio. Eu também poderia ser qualquer pessoa aqui da rua ou da minha escola. Mas acho que prefiro mesmo ser a música, esse negócio de sumir por um tempo deve ser o máximo.

travei

nessa frase

senti que estava faltando alguma coisa.

foi quando me lembrei

da tiara xadrez que ganhei do meu pai.

não era vermelha

mas tinha vermelho, então

devia servir.

abri a gaveta.

coloquei a tiara

cuidadosamente me olhando no espelho.

recomecei:

Aqui em casa a gente não se abraça, então quando a professora Cláudia me abraçou, porque eu ajudei a carregar os livros até a sala, eu senti um negócio no pescoço, uma vontade de dormir.

Preciso te contar um segredo, querido diário. Eu gosto de ficar olhando as pessoas que passam na rua, elas são boas e sortudas, já eu não sou grande coisa, nem meus pais. Principalmente a minha mãe, meu pai até que é bom em arrumar namoradas bonitas. De domingo, ele aparece aqui em casa, pra me ver. Me pega de carro e a gente vai passear, ou fica na casa dele mesmo, que é bem melhor do que aqui. Meu pai nunca me bateu. Quer dizer, só uma vez. Mas eu estava irritante, imitando os movimentos de um polvo.

Às vezes, eu sinto pena da minha mãe. Todo lugar que eu vou, as pessoas falam que eu sou a cara dela. É um saco, eu fico com vontade de chutar a boca de quem diz isso. Queria ser mais parecida com o meu pai, ele não tem a raiva que a minha mãe tem nos olhos. O que me deixa triste é que meu pai me abandona muito. A minha mãe ele abandonou de uma vez, mas comigo é pior, ele fica me abandonando devagar. Um dia eu vou fugir desta casa pra sempre. E vou levar o rádio comigo, vou levar você também. Quero morar no campo, girar e girar na grama. Até cansar, e depois dormir.

fechei o caderno.

me larguei na cama como se a cama fosse uma plantação de girassóis.

imaginei um Sol nem forte nem fraco iluminando o meu rosto

fiquei ali,

abandonada por um tempo

os cachorros da rua latiram, deve ter passado alguém.

guardei a tiara na gaveta.

fiz uma massagem atrás da orelha que doía pela pressão do arco, com a menstruação a minha cabeça ficou cheia

de coisas e

Cresceu.

me olhei no espelho, pós-massagem.

cheguei mais perto
da minha imagem
abri a boca e fiz
movimentos de
língua, os olhos abertos, um tremorzinho que deu
nas costas, meu riso ecoou
pelo quarto
bateu na parede
caiu.

então eu limpei
o espelho

ele me olhou de volta, Prateado.

não se apaixone por mim, Ordenei.

quando cheguei na cozinha, minha mãe perguntou o que eu estava fazendo *de tão interminável* no andar de cima.

— *lição* — menti

e isso nunca me queimou por dentro, já naquela época eu sabia que mentir era um direito

básico

à fabulação

que eu usufruía

quase sem

culpa

pra conseguir ser um pouco mais livre.

comecei a colocar a mesa

sem barulho

minha mãe odiava os meus barulhos.

— (mexendo a panela) *não sei se a massa ficou boa.*

não deve ter ficado

o fato é que

eu nunca gostei da nossa hora de comer.

tudo o que a minha mãe preparava

de alguma forma carregava o seu espírito, eu já não gostava quando meu pai morava aqui com a gente

agora que ele se foi o gosto só piorou.

— (desligando o fogo) *passa os pratos.*

Obedeci.

ela sempre me servia uma quantidade grande
de comida
muito mais
do que eu precisava.

sentei na mesa educadamente.

— *agradece o papai do céu.*
fingi agradecer movendo a boca, mas
por dentro eu era toda silêncio.
— *tira a mão da cabeça.*
ela sentou.

— *ouviu, Júlia? tira a mão da cabeça. vai cair cabelo no prato.*
— *é que a minha olheira tá doendo.*
— (rindo) *você quis dizer orelha.*
— (mexendo) *sim.*
ela ligou a TV.

estava passando a novela das oito, um saco, eu só gostava da novela da Lupita.
melhor seria jantar com Música
e trocar
a minha mãe pelo meu pai.
na TV, a Dora estava chorando no sofá depois de uma briga com a vizinha, aquilo parecia bem real. ela era tão velha que
parou
de ter ruga, não havia mais espaço
no rosto

para o tanto de tempo que já passou.

— *Mãe.*

— *hum?*

— *será que a senhora poderia não puxar a minha orelha da próxima vez que a gente brigar?* (já arrependida de ter começado essa conversa) *é que a minha cabeça tá crescendo.*

ela se virou pra mim. não consegui decifrar a sua expressão.

— *mas se não der não tem problema. de verdade, mã. pode fazer como a senhora preferir.*

— *Come, Júlia.*

(barulho baixo de talher no prato)

quando terminei ela mandou eu escovar os dentes, prender o cabelo, colocar o pijama de listras (eu odiava o de listras) que estava na terceira gaveta da cômoda

Cumpri

toda a nossa rotina

e então fiquei esperando

debaixo das cobertas

minha mãe subir pra me desejar bons sonhos

da porta, só com o olhar.

acordei sentindo frio e logo entendi por quê.
a minha mãe não veio
visitar a minha porta, o que será que aconteceu?

desci as escadas.

a casa estava escura, mas a TV da cozinha permanecia ligada.

] Espiei da sala,

minha mãe na mesa
também os pratos
o meu vazio, o dela
cheio
e uma garrafa
de vinho branco, o mesmo que ela usava para temperar as carnes.
será que ela dormia?
descobri que não quando mexeu o braço.

] fiquei Escondida,

assistindo ao filme de explosão, correria e sangue
a que ela estava assistindo.
quando o sono voltou a me pesar nas pálpebras

eu subi

de novo pra cama

fiquei com medo de dormir ali, no tapete, e ser descoberta na manhã seguinte, apanhar outra vez. eu estava muito cansada de toda a dinâmica. me enfiei debaixo das cobertas, era uma noite realmente fria, será que tudo isso tinha a ver com o fato de eu ter me tornado uma mulher?

acabei pegando rápido

no sono, estava mesmo

bem Cansada, será que eu não amava mais

a minha mãe?

foi então que o inesperado aconteceu: na manhã seguinte

e na outra

e na outra

a minha mãe não me bateu.

fiquei na expectativa

do tapa/da cinta

a angústia/da espera

mas

a minha mãe não me bateu.

testei a sua paciência:

andei livremente pela casa;

não fiz a lição de geografia;

usei o mesmo uniforme duas

três vezes;

sequei a louça na hora que me deu na telha e Nada, nenhum movimento

em direção ao meu corpo.

no sábado,
acordei com um barulho de vassoura.

abri uma fresta da janela
e vi a minha mãe lavando a calçada
Assoviando
uma música que eu não conhecia.

fiquei ali por alguns minutos.

depois fui
até o seu Quarto

abri devagar
a porta do armário
que rangeu.

morei brevemente
entre as roupas
respirando lã
com dificuldade,
Sensação parecida com o abraço da professora Cláudia, escrevi no diário dias depois.

as coisas não eram mais fáceis quando meu pai morava com a gente.

um dia, estávamos nós três sentados no sofá

assistindo a um jogo da copa, Brasil x Argentina

e eu disse:

— *quando a Natasha, uma garota do colégio, faz algo errado*

a mãe dela não bate

apenas conversa

mostrando onde está

o erro

dando exemplos

até mesmo da própria vida

e por tudo isso a Natasha é uma menina calma quando derruba o pote de tinta na aula de artes, quando

falta uma estrela no seu boletim, ela não sente medo

de voltar pra casa

bate o Sino e a Natasha guarda

os cadernos, fecha o zíper, dá tchau

e atravessava o pátio

sempre à procura da Mãe.

Sorri, quando encontra.

recebe de volta um doce lábio

na bochecha
às vezes até um pirulito ou pedaço de bolo que a mãe traz de casa
e assim elas seguem
pela rua tranquilamente
tranquilamente, entende?

meu pai deixou escapar um risinho nervoso.

então a minha mãe se levantou do sofá
pegou
o primeiro objeto que viu na frente e

Lançou

na nossa direção: o Estrondo

e o gol
(da Argentina)
aconteceram juntos
ainda bem que conseguimos abaixar a cabeça.
meu pai gritou que aquilo era o fim do mundo, *você quer nos Matar?*
enquanto eu olhava
para o cinzeiro
que espatifado daquele jeito ficou parecendo um Mapa.
talvez ali
eu e o meu pai encontrássemos
uma saída
por isso fiquei puxando
a blusa dele, mas
ele não se virou.

estava concentrado

na discussão

com a Mãe

que tinha uma energia impressionante quando Brava, seu corpo marchava ao mesmo tempo que fluía

ocupando

cada canto da nossa casa com gestos abruptos, ritmados, as paredes iam rachando conforme Ela passava

e tudo cedia aos seus gritos de que estávamos sempre errados, que éramos uns tortos, uns ingratos, que nada nunca estava bom ou limpo o suficiente, Ela derramava

o seu óleo de insatisfação

pelos cômodos

formando um longo tapete

de Dor e Glória.

o rosto da minha Mãe em Fúria impressionava

até mesmo nós dois, que já estávamos bem acostumados

com a Tempestade, a boca

siderava, os olhos se tornavam uma mistura improvável de água com fogo, uma verdadeira Rainha

de um pequeno país em guerra que era o seu corpo não amado

ou nunca amado do jeito que ela Gostaria.

depois que a minha mãe despejava todo o seu coração pela boca, a casa vivia um breve período de paz.

feito um jovem ator que não sabe

o que fazer com as mãos quando está em cena

eu também não sabia

o que fazer com o corpo

quando me sentia assim, *livre*.

nesses sábados de

paz

meu pai e ela se trancavam no quarto por algumas horas

e a Casa me parecia imensa, os móveis tímidos.

eu descia pra garagem e ficava olhando

a cortina deles

dançar/escapando

do que via

depois voltava

a ver

e então escapava

de novo

eu podia farejar

o afeto que não me era dirigido a mil metros de distância
esse então/repentino
me Ofendia

ontem mesmo vocês estavam berrando
um com o outro
e agora estão
no quarto
fazendo Deus sabe o quê.

será que sou a única sã desta casa?
ah, o peso!
de ser a
Única, pois

eu me deitava
no tapete da sala

desenhava em sulfite
sempre o mesmo menino, o meu irmão.
gostava de descansar
na suavidade de seu rosto
mas quando os meus pais saíam
do quarto
eu mandava ele sumir
feito música
e como ardia em mim essa vontade de ter uma criança por perto.

tanto que
na escola, durante o intervalo
eu me sentava no pátio à procura de alguém
que tivesse o tamanho certo, afinal

a criança precisava caber na minha mochila
para que eu pudesse levá-la pra casa sem alarde.
uma vez até tentei fazer isso
mas o menino
que era uma graça, de perninhas rechonchudas

fugiu de mim, corria
feito um lobo
— *você tem motor no pé?* — perguntei mais tarde.

e ele:
— *não, apenas percebi que você era Má.*

quando meus pais finalmente saíam do quarto, a porta aberta atrás dos ombros, a colcha bem esticada e até mais lisa do que antes, os dois estavam de bom humor.

minha mãe ficava assoviando pelos cômodos

eu tocava uma gaita imaginária, para acompanhá-la

ela sorria
na minha direção, mas

não era para mim, era para o modo como estava se sentindo.

depois ela fechava
as janelas da casa
gostava de deixar tudo baixo e bem controlado diante de suas vistas
enquanto a Noite se estendia
pela alma da cidade
ainda bem que existe a luz elétrica, ela devia pensar.

acendia
o grande abajur da sala

ligava o ferro, abria a tábua
voltava aos poucos

às suas funções habituais.

lembra, mãe?
quando a senhora entrou no meu banho
e me chamou de *suja* porque a minha calcinha estava amarela do corrimento que eu comecei a ter?
a senhora não me levou no médico
preferiu me bater
e deu certo
o corrimento parou
na mesma hora
eu sentia medo até do meu sangue, *o que está acontecendo, mãe, é definitivo?*
— *reza, reza que passa*.

depois a senhora me deu um roupão.

— *agora que você virou mulher, ninguém mais pode ver o seu corpo saindo do banho.*

e eu te agradeci, a senhora lembra?
agradeci
pensando que compreenderia algo importante sobre a vida
ao me cobrir, me fechar
exatamente como a senhora tem feito com a casa
quando há qualquer vestígio
de Luz.

meu pai dava bem menos importância ao que acontecia nas tardes de sábado.

se notava pelo rosto que gostava, claro
melhor do que brigar o tempo todo.

saía do quarto, pegava uma cerveja
sentava
de Pernas cruzadas no sofá.

ligava a TV e a tela explodia

em um jogo de futebol
ou notícias, mas
a cabeça dele estava longe dali
e as Pernas
ah!, as Pernas do meu pai sempre foram
magníficas, de alguém que praticou esporte
por toda vida.
ele sabia disso.
carregava com peito de pombo
essa sua
vitalidade inerente.
em casa, por exemplo, só usava shorts

sem jamais se importar com a temperatura do lado de fora
ou mesmo se constranger
comigo e com a minha mãe, ambas agasalhadíssimas.

são fracas, eu podia ler em seus olhos

e nesses momentos eu tinha vontade de
arrancar
a minha roupa
queimar cobertores
na grande floresta, sou forte!, veja
como eu sou forte, Pai.

minha mãe sempre dizia
que apesar de toda a sua
extravagância
ela ainda conseguia ser melhor do que muita mãe por aí.

— *não é verdade, Sérgio?* — ela perguntava ao meu pai
enquanto forçava o ferro
na camisa.

ele quase não respondia
de tanto que demorava pra responder.
estava vendo
cada vez mais
televisão
e nos últimos dias de casamento: o sofá virou a casa dele
dentro da casa Dela.

quando o divórcio chegou, finalmente

algo se rompeu
também em mim.
aos poucos fui percebendo
que nenhuma relação que eu estabelecesse no futuro
viria sem esta conta

da quebra

da inocência, quando as pessoas se casam elas não ficam juntas para todo o sempre?

então não há segurança

com nada e com ninguém?

ao longo dos anos

e por trás de cada relação que eu estabelecesse

me assombrava a certeza de que

as pessoas

se Abandonam

muitas nem se amam, se casam por medo

da Solidão e

têm filhos

pelos mesmos motivos.

— *sim* — meu pai respondia

dando um gole na cerveja. — *sua mãe mesmo, Vera.*

(vapor de ferro)

quando meu pai fosse embora, eu sentaria naquele sofá incontáveis vezes

apoiaria meu copo d'água

na sombra do seu copo de cerveja.

— *não me lembro da vó ser assim tão terrível* — comentei.

— *você mal a conheceu.*

e isso era verdade

a minha mãe e a minha avó ficaram anos sem se falar.

me lembro de uma tarde

quando o telefone tocou

com a notícia da morte dela
e me lembro do abraço
sem jeito
que meus pais se deram, a casa ficou em silêncio até de noite.
não fomos ao enterro.
minha mãe não derramou uma lágrima, pelo menos não na minha frente.
no entanto, dias depois
ela me contou do meu avô sem eu pedir.
disse que ele era um cantor de música da terra
estava de passagem por Ribeira Grande
conheceu a minha vó durante uma apresentação.
eles ficaram juntos
e ao que parece nesses dias ela flutuou.

quando ele foi embora, praticamente um cantor de circo
e também gostava da estrada, era do tipo que jamais viveria em uma cidade única, ele Deixou
a minha mãe dentro da minha vó absolutamente devastada.

antes de conhecer o tal cantor
ela era uma mulher bonita
adorava festas
além de ser uma dançarina nata, movia o corpo em ângulos surpreendentes, autorais. as pessoas
deixavam flores em sua calçada
ela abria o portão e:

era como se tivesse se apresentado
com sucesso
no Teatro.

quando ela engravidou do forasteiro
sentiu que a cidade lhe virou as costas
foi deserdada
e passou bastante dificuldade.
trabalhou como doméstica, boleira, depois
Costureira, e até o fim da vida.
guardo dela o cheiro
de um vestido que ela usava
quando me pegou no colo certa vez.
era de malha fria e aquele abraço me acolheu como só deitar na grama fez por mim anos depois.
mais adiante, procurei o afago em algumas lojas de tecido
mas nenhum tinha o pano tão fresco
e em todos faltava a pele da minha vó.
por anos sonhei com a cena do seu velório: no grande salão da morte
o corpo solitário da minha desconhecida
e talvez por isso tão querida avó (o que eu amava era o Mistério, era a possibilidade de, caso tivéssemos nos conhecido, ser bom)
é uma pena
que a maioria das nossas avós
vão embora antes de virarmos pessoas que sabem
aproveitar uma conversa.

— *por que vocês brigavam tanto?*
minha mãe respondia que aquele não era assunto de criança
e quando eu cresci um pouco
ela respondia que não era briga, era
Desengano.
— *imagine um gato e um rato morando na mesma casa.*

eu perguntava quem era o rato

e quem era o gato
então ela se aborrecia
comigo
não gostava de perguntas enfileiradas
encerrava o assunto
me mandando lavar louça
ou
qualquer coisa que me fizesse sumir
por algumas horas
para que ela pudesse, enfim, pensar.

as brigas dos meus pais foram virando o chão onde nós pisávamos.
o silêncio da casa era sempre uma fermentação
para o que viria
e até mais angustiante
do que os gritos quando tudo estourava
geralmente por ciúmes
quando meu pai chegava tarde
e nos últimos dias
de casamento
não havia mais Nada além de
ameaça/soco
na mesa/porta
batendo

me acostumei

a dormir por cima disso, ou não dormiria nunca mais.

me sentia um verdadeiro Pêndulo: ora caminhando solenemente para a presença materna, ora fugindo
de qualquer possibilidade de mãe.
ora correndo
para o pequeno afeto que o meu pai me dava

ora odiando o fato
de tê-lo
em casa, fechando os olhos
toda vez que ele se aproximava de mim.

nessa época, minha mãe começou a me bater com mais frequência

e o que me intrigava
eram os finais
abruptos/

começou a faltar
na dona Vera
um poder de encerramento.

ela parava de me bater e

eu simplesmente não sabia se ela estava descansando
ou se já tinha terminado

o ideal seria perguntar, mas
quem se arriscaria?

então eu esperava
com as calças arriadas

e quando sentia um frescor
na pele, uma corrente
de vento

eu lia isso como um sinal.

levantava da surra

me trancava

no banheiro

passava o dedo

por dentro da bunda bem no meio e

cheirava, cheirava até o medo passar.

— *a sua vó era pior do que eu, Júlia.*

mas o que a minha mãe não entendia é que ser menos pior ainda era muito pouco, nós precisávamos de uma mudança radical

e pra isso ela não teve forças, a dona Vera nunca soube como se levantar do que lhe acontecia.

era vaidosa

a ponto de não acreditar que aquilo estava acontecendo justamente com ela

nutria essa sensação de

incredulidade permanente

e nunca conseguiu ou quis sair desse lugar.

abri os olhos e estranhei o Silêncio que fazia na casa.
não era o de sempre, fermentado
era um muito puro, do tipo que se fazia no mato ou até no corpo
de um cavalo adormecido.

afastei as cobertas, levantei da cama

fui descendo
as escadas

— *Mãe?*

— *saiu, Júlia* — meu pai respondeu, ele estava de frente pra janela olhando a Rua.
— *aonde ela foi?*
— (se virando) *no mercado.*
— *e por que não me levou?* — ela sempre me levava, pra ajudar.
— *você estava dormindo.*
isso nunca foi motivo
luz da manhã dourando os móveis,

Traição.

meu pai percebeu o meu abandono.
se abaixou pra ficar da minha altura.

— *vamos tomar café juntos, que tal?*

fiquei olhando pra ele, a sua expressão era doce, então
eu concordei
não sem antes pegar a Nádia M
esquecida
no sofá.

meu pai bateu um suco de maracujá pra gente, fez pão na chapa com uma destreza que eu nunca tinha visto.

— (bebendo/comendo) *humm.*
— *tá gostoso, filha?*
— *Muito* — eu disse fazendo cara de inteligente.

tomamos o nosso café sem pressa. ele me perguntou como andavam as coisas no colégio.

— *estou de férias.*
— *antes disso.*
— *ah, legal.* (enrolando o cabelo) *só a professora de português, ela quer que eu* (virando os olhos) *melhore a minha letra. mas eu vou superbem nas provas, e o que importa é a resposta certa, não é pai?*

ele disse que era, sim
e depois que terminamos de comer
meu pai pediu pra eu ir tomar banho.
— *pode ser com a Nádia M?*
— *quem?*

— (levantando a boneca) *a Nádia M.*

— *pode, mas vê se não demora muito.*

levantei o polegar concordando e

não sei o que me deu, uma coragem, Abracei o meu pai como há muito eu não fazia.

depois subi as escadas

correndo

tirei a roupa entrei no banho

bem rápido, pon pon pon!, igual ele pediu.

me sequei, vesti um shorts verde-musgo

combinando com a blusa toda preta

na Nádia M eu coloquei um vestido.

cheirosas nós

descemos as escadas

daquela casa que

era outra sem a minha mãe.

— *me penteia?* — pedi, entregando a escova para o meu pai

não sei de onde vinha tanta coragem

mas ele colocou o jornal de lado

e assentiu.

sentei no seu colo: a escovação começou b e m devagar. não resisti por muito tempo e

fechei os olhos

vrau, vrau, vrau da escova/uma valsa

era como se a minha cabeça tivesse caído nas mãos dele.

nosso dia passou feito garoa umedecendo a rua.
almoçamos omelete vendo um desenho na TV.

— *e pode?*
— *o quê?*
— *comer fora da mesa?*
ele sorriu.

de tarde montamos
um quebra-cabeça
depois tiramos um cochilo no sofá.

minha mãe ficou no mercado
até de noite e juro que não seria má ideia se ela morasse mesmo por lá.

eu já estava debaixo das cobertas quando ela voltou.
senti a mudança de temperatura
na casa, senti
a sua presença na minha porta

e no dia seguinte
de manhã bem cedo
meu pai foi
Embora

sem bagagem, nada, apenas disse para a minha mãe:

— *ninguém te aguenta.*

ela tentou segurá-lo
estava de pijama e o pijama lhe revelou um Seio

— *você não tem o direito!* — o bico do peito um olho desesperado

a Nádia M sem roupa
no canto da sala

meu pai disse que tinha o direito sim, todos, e mandou a minha mãe para o inferno
mas na verdade quem foi para o inferno, pai?

eu

depois que saiu de casa, meu pai começou a cultivar no rosto a máscara do homem mais jovem que imaginou
pra si.

muita gente acreditava

na tal máscara

me diziam: *seu pai é bonito, quanta vitalidade*.

pois eu revirava

os olhos

pensando puxe a máscara, anda, puxe!

e você verá

que o verdadeiro pai não passa de um exausto arrependido

de um dia ter dito sim

para a mulher que me colocou no mundo.

é com essa máscara que ele tem se escondido

do Tempo

que perdeu comigo, com a minha mãe.

eu quase gostava mais dele quando morávamos na mesma casa.

a dor, o cansaço

de certa forma nos uniam.

depois do divórcio, ele

foi virando essa pessoa

que passava algumas horas comigo

o que era bom, claro

mas eu sentia o amor escorrer pelos meus dedos, era como se o meu pai tivesse sido descoberto

pelo mundo

foi se transformando aos poucos

no sujeito que eu encontrava por acaso na rua

de braços dados com uma mulher vestida de ouro

e com outras

tantas mulheres

que imaginei lhe darem a mão.

com nenhuma delas

ele era distante

ou frio

o que me fez entender que o problema

era a nossa casa.

escrevi no diário:

Quem é o meu pai?

É normal a gente desconhecer as pessoas que a gente achava que conhecia?

o que me rasgava por dentro

era perceber que agora

meu pai olhava para as coisas sempre de cima

nada lhe parecia bom o suficiente

por isso ele trocou a cerveja

por uísque, comprou roupas

e quando eu lhe perguntava o que estava acontecendo

ele me respondia que era um homem Livre.

em casa

minha mãe arrastava as suas dores como um Manto

ao mesmo tempo que marchava
seu velho soldado
era ele quem lhe causava uma falsa sensação de controle
enquanto o Manto emanava uma áura de respeito
como se dissesse: não se aproxime, sou uma ilha, sou
A Mulher que Sofreu.
a verdade é que
ela nunca se levantou totalmente depois que meu pai se foi.
começou a me cobrar
a *responsabilidade*
não só de ser uma filha exemplar, mas também um pequeno marido.
a única parte boa
nisso tudo
é que
por medo
da Solidão
ela começou a abrir
um espaço

pra mim
em sua Cama, pois

eu *Ia*

passava perfume
depois arrastava
o meu travesseiro
até o seu Quarto e

conforme a Noite crepitava

algo bonito e inexplicável acontecia com a minha mãe: de olhos semicerrados
ela sussurrava
pra mim: *ainda bem que eu tenho você, meu amor.*

— *meu amor? Mãe. a senhora me chamou de meu amor?*

ela sorria, os cílios longuíssimos.

devagar fui percebendo
que tudo o que eu precisava fazer

era esperar

que a madrugada adentrasse o núcleo vital daquela mulher.

no fundo,

minha mãe era uma flor
que sangrou por ser idealista

por isso se fechou

em aço

se abria apenas quando o Sono era quem comandava o seu espírito.

ao seu lado, na cama

passei a desfrutar

de uma nova presença materna

que um dia até me contou:

— *antigamente eu escrevia músicas.*

— *não acredito.*

— *é sério. a que mais gosto nasceu enquanto eu te amamentava*

noite adentro, teu pai

não chegava nunca.

pedi para ela cantar

um trecho, *a senhora lembra?*

ela arrastou os versos:

— *um dia Agenor decidiu*

subir os degraus deste mundo

levou um tempo ioiô

sobe Agenor

sua mulher, iaiá, ficou pasma, senhor

quanto degrau, meu Deus, quanto mundo.

— *que bonita, mã.*

— *meu sonho era ser cantora.*

— *igual teu pai*?

ela fez que sim com a cabeça, eu

mal conseguia acreditar naquela entrega.

— *e por que a senhora parou? mãe, por que a senhora parou?*

— não sei,   o sonho
foi se transformando em
outras coisas .

percebi que o Seio dela
estava quase
sem blusa
mas agora também estava sem desespero
apenas sendo
o formato de um corpo feminino
e também o meu futuro
de corpo, eu queria ter seios majestosos
iguais aos da minha mãe
que finalmente caiu

no Sono

perda total
das forças

observei sua respiração por algum tempo

e depois caí também
não sei se no mesmo poço, meu sono era mais intranquilo.

no dia seguinte
ela voltava a ser a dureza de sempre, o queixo retraído, as ordens.

comecei a ficar atenta a esse movimento: de manhã, à tarde e no começo da noite a dona Vera era o terror da minha vida.

mas

se eu quisesse criar algum laço
com ela, delicadamente

eu teria que investir na alta madrugada
um lugar onde ela se abria um pouco pétala
ficava vulnerável ao peso dos lençóis.
foi quando eu compreendi
que a minha mãe tinha uma outra mãe possível dentro de si
difícil de cavar, e como!, ainda assim
e por isso mesmo
uma joia
de mãe, essa mulher doce e
fantasmagórica
que comandava o barco materno quando tudo escurecia
e que ainda esperava pela chuva
em suas pétalas
o que, no mesmo instante, me fazia esperar também.

meu pai me buzinava domingo de manhã
e eu colocava
a mochila nas costas, mais alegre do que gostaria de admitir.
agora tínhamos esses momentos juntos
e ao mesmo tempo que isso me dava um pouco de medo
da falta
de assunto, medo da Máscara
ainda assim era
prazeroso
poder estar ao lado dele sem a presença da minha mãe.
por onde começar a aproveitar o pai que eu tinha?
eu não sabia muito sobre ele.
por isso, quando eu colocava a mochila nas costas
para além da maçã
e do diário, era como se eu carregasse
Instrumentos
para lidar com a nossa relação.

— *Tchau* — eu dizia para a minha mãe
que estava Submersa
em algum cômodo
nessas horas, ela era capaz até de se transformar em uma parede
só para se esconder

do meu pai.

por alguns meses eles não se olharam de frente.

se falavam por telefone sobre o meu *comportamento* na escola, a pensão ou sobre algum final de semana que meu pai não poderia vir me pegar.
depois dessas ligações, o humor da minha mãe piorava muito.
ela quebrava coisas, queimava
o alho na panela, um dia puxou a cortina da sala
o varão lhe caiu
na cabeça e
Deus sabe como demorou para ela se recompor.
aparentemente, eu digo.
superficialmente.
porque em seu íntimo, ainda que a ferida quisesse cicatrizar
minha mãe tiraria
a casca
e tiraria
a casca, seu corpo era uma espécie de museu da dor.

aos domingos, portanto

eu sentia Culpa
de novo me via um Pêndulo
o que me salvava é que no carro
meu pai sempre escutava
Música.
na primeira vez eu perguntei:
— *que som é esse?*
ele me respondeu, sorrindo:

— *Jazz.*

olhei pra frente, amortecida
por aquele ritmo tão
Vigoroso.

— *quem está tocando?*
— *este cara* (me mostrou o disco). *sabia que Miles em inglês quer dizer milhas?*
— (ainda olhando o disco) *milhas?*

e assim eu me entregava
para as horas passando
ao lado desse meu novo
Pai.
— *a gente vai pra onde?* — ele me perguntava antes de dar partida.
— *pode ser no parque.*

isso quando o clima estava ameno.
quando fazia frio ou quando eu estava cansada, preferia ir para a casa dele mesmo
que era perto de uma padaria
cheia de doces, a carolina era o meu preferido.
ele começou a comprar várias pra mim, eu comia
e comia
queria guardar todas
            lá no fundo
pra que ninguém pudesse tirá-las de mim.
eu também gostava de ver a casa dele, o sofá marrom levemente desconfortável.
tinha um tapete creme no meio da sala, no fundo um bar.

no quarto

a cama e um armário, mais nada.

no banheiro o sabonete estava sempre acabando

e a cozinha era escura mesmo quando acendia a luz.

um cheiro de madeira misturado com álcool permeava todo o ambiente, anos depois percebi a semelhança com um pub chamado Patterson, também no centro, e por saudade quantas vezes eu pedi uma cerveja naquele lugar.

— *como é a casa dele?* — minha mãe perguntava nos nossos sussurros noturnos.

— *ah, mã, não sei.*

— *como não sabe?*

eu dava de ombros, nós duas deitadas de lado, uma de frente para a outra.

— *é feia?*

— *não, não é feia.*

— *é suja?*

— *ah* (me virando, de barriga pra cima), *não é tão limpa quanto aqui, isso não mesmo.*

— *é bagunçada?*

e assim por diante.

já meu pai não perguntava nada

no máximo: *como vão as coisas?*

e eu sabia a que coisas ele estava se referindo.

então eu lhe entregava

o nosso velho sorriso triste

ele passava a mão

no meu cabelo

minha cabeça caía

do pescoço, rolava
pelo taco
porque
logo depois do primeiro toque
meu pai já se ocupava com
um copo, agora de uísque.

estávamos no sofá marrom depois do almoço
vendo um programa de TV.
o público, animado, torcia para um rapaz no centro do palco.
se ele respondesse as perguntas corretamente, levaria para casa
o dinheiro que estava na maleta

Deitei

na barriga do meu pai.
confesso que
eu também torcia pelo rapaz, torcia por mim
e por todos
vez em quando o meu pai ria
do programa
minha cabeça se movia junto
e o meu coração ficava leve.
foi quando me escapou
da boca
uma ideia
que eu tive, um
desejo
de
sei lá, quem sabe um dia?
morar ali, com ele.

— Não, Não, Não, uma criança deve ficar com a Mãe.
— mas eu não sou uma criança!
e quando eu tinha sido?
— Não, Júlia. nem pensar.

ele desligou a televisão.

— esquece isso, tá? pelo amor de Deus.

bateu a porta
da frente

me deixou ali
Sozinha.

ouvi o carro dele acelerar
enquanto eu pegava o meu diário
na mochila.

apertei a caneta.
Metralhei:

ODEIO O MEU PAI. Ele é egoísta, frio. Fica comigo por obrigação, deve adorar quando não estou aqui, pra trazer as suas namoradas idiotas. Nem deve contar pra elas que tem uma filha. Pelo menos a minha mãe precisa de mim, ela nunca me abandonou. Quando eu tiver uma casa, não vou deixar meu pai ficar lá por mais de duas horas. Vou contar no relógio, duas horas. E quando o sino tocar: Adeus.

a gente nunca conversava sobre as suas namoradas.
às vezes, eu encontrava um anel na pia do banheiro
uma meia-calça
debaixo da cama

mas nunca perguntei pra ele

sobre o dia da praça, por exemplo. nós só falávamos de carolina, jazz, da grama do parque, se tudo ia bem na escola

e depois de descobrir o poder do diário

confesso que isso me machucava cada vez menos.

era quase melhor falar com a folha

que apenas escutava

silenciosa, mas atenta

quente

e sempre receptiva à minha dor.

dormi no sofá por algumas horas.

tinha o sono acumulado

por ficar tanto tempo esperando

a Noite adentrar o corpo da minha mãe.

acordei com o meu pai abrindo a porta, ele segurava uma caixa de pizza.

— (animado) *vamos comer?*

— (esfregando os olhos) *é de quê?*

— (sotaque italiano) *mozzarella. levanta, Júlia, vamos* (dando um tapinha nas minhas costas), *coloca a mesa pro pai.*

obedeci, emburrada.

no entanto, era uma experiência totalmente diferente comer ao lado dele, eu sentia fome

mesmo quando estava brava.

sentamos na mesa da cozinha. a pizza estava com um cheiro bom.

— *é de onde?*

— *de um lugar novo. chama Serenata.*

— *ah.*

em silêncio, decidimos não conversar sobre a nossa briga. claro que eu adoraria perguntar por onde ele tinha andado, ficou fora a tarde toda.

no entanto preferi me esconder

atrás dos queijos, se ele não me queria na sua casa

de que adiantava insistir?

meu pai parecia faminto. cortou um pedaço de pizza e colocou no meu prato, *obrigada.*

cortou um pedaço pra ele

comeu

rápido, cortou outro

jogou azeite

comeu

rápido e

de repente meu pai Tossiu

de um jeito forte

começou a ficar

Vermelho, eu

corri

pra debaixo da mesa

fiquei ouvindo

o Sufoco, o

Entalo

abracei os joelhos

Assustada, Esperando

o quê,

a Morte?

quando vi uma azeitona
atravessar a cozinha feito
Bomba, bater
no azulejo cair
na pia

depois

um Silêncio

é
a Morte?

até que meu pai se estirou no chão.
os botões da sua camisa
estavam abertos

— — — — — — — — engatinhei

até Ele
me aninhei
ao seu corpo

ficamos assim

não sei por quanto tempo

acho que devo ter
adormecido.

de repente meu pai se

Levantou.

fechou
os botões da camisa
lavou o rosto
pegou
a chave do carro.

disse:
— *vamos, Júlia. senão a sua mãe vai me matar.*

nessa noite não ligamos o jazz.

deve ser por isso que o barulho do escapamento ganhou volume aos meus ouvidos, fiquei com medo

de que o carro explodisse, imaginei nossas partes

voando pelo Céu.

o engasgo do meu pai

acendeu em mim o fato de que

um belo dia

as pessoas morrem, ninguém precisa estar doente ou velho pra que isso aconteça, a Morte se instala muitas vezes sem aviso, pois

eu acho que seria mais educado

se a Senhora pudesse

Avisar.

nos fazer uma festa, quem sabe?

passar um filme com os melhores momentos da nossa existência.

não sei se a Senhora sabe, mas

não tem sido fácil ficar aqui, nesta terra, por isso eu acho que merecemos alguma consideração.

por que as regras nunca mudam?

por que a vida tem que ser sempre assim: finita e irreversível pelos séculos?

olha, Senhora, eu

não sou a única

que estou descontente

com os seus Métodos.

queremos reivindicar

isto: o ciclo infinito da finitude

com quem falamos?

há de ter Pessoa (ou Coisa) que mude as regras do imutável também.

Senhora, por favor, não me vire as costas.

me responda, ao menos isto: na janela de quem devemos fazer a Revolução?

quando chegamos na minha casa, meu pai me deu um tchau bem frio.

me joguei nos seus braços.

— *o senhor está bravo comigo?*

— *claro que não. claro que não, Júlia. já passou.*

nos desvencilhamos.

— *agora vai. não quero que você tenha nenhum problema em casa.*

não quero que você tenha nenhum problema em casa*.* Sério?

em que mundo ele vive, esse meu novo pai?

será que esqueceu do lugar de onde viemos?

ou só está se fazendo de tonto pra não ter que lidar com nada além de si?

Desci do carro.

ele me buzinou

acenei sem tônus

eu só queria ter um pai que não fosse eternamente o homem que deixou a minha mãe.

respirei fundo. quando abri a porta de casa,

a dona Vera me esperava
no canto da sala
de pé e
muito rígida
parecia um animal
empalhado.

perguntou, se aproximando: *você sabe que horas são?*
não tive forças
pra responder.

— *eu te fiz uma pergunta, Júlia. você sabe que horas são?*
— *não sei, mãe. sinceramente eu*
não sei.
— (tirando o chinelo) *ah, você não sabe?*

eu ia explicar
que o pai se engasgou e que
foi grave, mas
acontece que o chinelo estalou na minha boca e eu gritei
não pela surra, foi
pelo susto de
quase ter perdido o meu pai.

depois que ela terminou (seu poder de encerramento tinha voltado)
eu subi para o meu quarto
arranquei
do diário
a folha que eu tinha escrito mais cedo, piquei e dei descarga. eu não odeio o meu pai, eu o amo, eu o amo!, me bati

na cara
com as palmas bem abertas.

naquela noite

me recusei a dormir na cama da dona Vera.

no entanto sonhei
que me acontecia praticamente o mesmo. eu chegava tarde e minha mãe me batia
a diferença é que no sonho o Chinelo tinha vida própria.
ele percorria todo o meu corpo por baixo da roupa
me fazendo sentir um prazer imensurável.
minha mãe ria de mim, dizendo: *está gostando, hein? você está gostando!*

Acordei

tão assustada que

tive que carregar
o meu travesseiro
pelos cômodos
até a cama dela e
dormir por lá.

quando abri os olhos pela manhã
senti um cheiro de
        sangue? merda. tinha descido a minha menstruação.
Pois
logo que voltei da escola
tive que lavar
sem máquina, você não vai usar a máquina.

o colchão, o lençol, o pijama, a calcinha
depois corri
com a dona Vera cronometrando
da cama até o vaso
do vaso até a cama
duzentas vezes
duzentas
vezes

— *pra você não esquecer onde fica o banheiro nessa casa.*

minha mãe mandou eu recolher a roupa do varal
e ali
na lavanderia
dobrando pano
jogando
o pregador dentro do balde
eu descobri
um novo divertimento: assistir ao trabalho da máquina de lavar.
nossa, aquilo
me deixava amortecida
igual no jazz, Repare
como são vigorosos os cabelos de quem mergulha
o mesmo acontece
com as roupas, elas ganham fibra, elegância
se enlaçam e
se soltam em uma
pequena coreografia
do adeus.

eu ficava olhando a máquina trabalhar
chuá, chuá, chuá
por horas, se pudesse

e quem sabe um dia

eu também consiga
me desprender
das minhas amarras, quero fazer com essa
suavidade rítmica

comecei a mover
o corpo

imitando o encontro do pano
com a toalha
pra cima
e pra baixo
esticava os braços, ofegante, tombava a cabeça, girava
os punhos, eu não estava brincando, eu estava
fazendo
o que fazem as moças
nos bailes e
nos braços de
alguém
perto/longe
longe/perto, deve ser por isso que tem uma janela
bem no meio da máquina.
foi então que o telefone
Tocou:

me
escondi
depressa
atrás de um
lençol.

— *alô?* — minha mãe atendeu.

ventava.

— *é ela.* — disse.

tapei os ouvidos
não queria saber
do resto
mergulhei
no cheiro do amaciante
deixei
que me invadisse
os poros
azul e livre
azul e larga
azul mulher que Foge
vestida de cetim.

ouvi o barulho seco
do telefone voltando ao gancho.

resp
ira
baix
o,
Júlia, resp
ira
baix
o.

a dona Vera começou a me chamar.

será que
eu
consi
go
me
trans
form
ar
em
um
inset
o?

Júlia, Julia, Júlia, cada vez mais
Impaciente

com
asas,
pelo
amo
r de Deu

— *Aí está você! mas eu não tenho sossego!* (ela segurava o rosto com as mãos) *acabei de falar com a diretora do colégio*. *ela chamou eu e o seu Pai para uma reunião amanhã. Amanhã, ouviu bem?* (chorosa) *meu Deus do céu, Júlia, por que raios você foi quebrar o nariz de uma menina?*

— *a senhora não sabe o que ela fez.*

— *não importa!* — ela disse, puxando o meu cabelo. — *não importa, Júlia, você não pode simplesmente quebrar o nariz de uma pessoa.*

— *eu odeio você!* — Gritei

ela me soltou e

toda vez que eu olhava para a sua palma
enxergava ali, nas linhas
os fios de cabelo que ela já tinha me arrancado.
— *você sabe o que é Quebrar?* — perguntou de repente.

— *Sabe?* — repetiu caminhando

em direção ao meu quarto

Sai!
do meu quarto

ela entrou
Furiosa, mas
sem pressa e

começou a quebrar
tudo o que eu tinha ali:

um porta-retrato com o desenho do meu irmão;
um vaso com flores que eu colhi na rua;
um elefante de cerâmica que eu peguei do meu pai;
uma pequena máscara de Veneza que uma menina da sala nos deu quando voltou de viagem

e isso
foi o que mais me doeu
a máscara era o meu passaporte, um sinal de que cedo ou tarde eu também realizaria os meus sonhos
de viagem e outros
que eu pudesse vir a ter.
uma névoa invadiu os meus olhos.
eu não conseguia mais
enxergar o que minha mãe estava quebrando

só ouvia o barulho
Plá, Plá, Plá!

e os gestos, seus grandes gestos
de explosão.

eu escondia o meu diário
dentro da fronha e

ainda bem que na cama ela não mexeu.

quando terminou estava Exausta.
mandou eu limpar
toda aquela merda
para que eu compreendesse, enfim
que quebrar uma coisa
sempre tem as suas consequências

e eu pensei: Depende.
Depende
de quem você é.

me movi depressa
para a sala de aula
a mochila batendo
nas costas, eu
só precisava esperar
que o tempo passasse no que eu tinha feito, aguentar firme
como sempre aguento, mergulhar nas aulas
de cabeça, eu só precisava cansar
a minha cabeça.
foi quando senti
no braço
os dedos suaves
de alguém: me virei,
era a diretora
que de grave só tinha o nome, Maria Antônia, será que a reunião já acabou?

— *nem começou* — ela disse —, *porque quero a sua presença na sala.*
— *a minha?*
— *nada mais justo se vamos falar de você.*
dei de ombros.
— *não se preocupe, teremos uma conversa em família* — ela explicou, me conduzindo na direção oposta da que eu planejara

e nessa hora eu tive que segurar a boca
pra não rir no rosto dela que não merecia, mas
deu vontade
de dizer que: uma conversa em família
nunca foi possível, não na minha casa
lá somos três solitários
irreversíveis
gravemente feridos
da guerra que travamos contra nós.
ainda que meu pai não more mais com a gente, seu fantasma está por toda parte
e flana
pelos corredores
somos
ruína e pó.
nosso jeito de conversar, diretora, é nos machucando
não por mal, não somos maus
somos tristes e isso é o que fazemos com a nossa solidão.

caminhamos

pelo corredor limpíssimo, alguns alunos nos olhavam. é a menina que bateu na outra, cochichavam.
agora está encrencada, deviam pensar, divertidos. mal sabiam que era a segunda vez que eu golpeava um rosto e
me faltava isso para acertar a fuça de um terceiro.

entramos

primeiro na antessala
da Marlene Secretária
anotando

alguma coisa, espero que não seja sobre mim.

o cheiro de lustra-móveis
me fez notar uma orquídea
em cima do arquivo
de ferro, dentro dele
nome e sobrenome de todos os alunos do colégio, as persianas
levemente fechadas, ainda assim
passava
um feixe de luz.

adentramos a sala da Maria Antônia, também limpíssima.

meu pai estava na cadeira da esquerda, não me deu oi
apenas me olhou.
parecia triste, mas estava calmo, o que será que disse para o seu chefe na loja de material de construção?
e

do outro lado da Ilha

minha Mãe sustentava um corpo
que pretendia se Afastar ao máximo
do corpo do meu pai.
pendurou, na gola da camisa, uns óculos escuros que não vi em seu rosto enquanto caminhávamos
até a escola
ela acordou tão
silenciosa, achei que acordaria violenta.

sentei

no meio dos dois.

a diretora fechou a porta

não sem antes dizer *Marlene, se alguém ligar, avise que estou em reunião.*

a Maria tinha a idade dos meus pais. seus olhos eram ternos

e vibrantes, o cabelo longo em um coque frouxo.

talvez quando ela tirasse aquele personagem de mulher que coordena um colégio, talvez quando chegasse em casa e

se preparasse um café

lembrando

de um certo verão que lhe foi especialmente doce ao espírito, talvez ali ela ficasse absolutamente irresistível.

acho que meu pai percebia

a beleza da diretora, não tirava o olho

de seus gestos

ou talvez estivesse apenas fugindo

de mim, da minha mãe.

— *obrigada por terem vindo* — ela começou

com as mãos cruzadas no centro da mesa. — *achei importante a Júlia estar com a gente na conversa.*

vontade de rir

de novo, aquela calma, aquele

vocabulário, eram de alguém que teve pais incríveis.

— *Bem* — a Maria continuou —, *como vocês sabem, a Júlia se envolveu em uma briga com a nossa aluna Gabriela. elas estudam na mesma sala, inclusive costumam se dar muito bem, não é, Júlia?*

balancei a cabeça, concordando.

— mas houve algum desentendimento entre elas no pátio e a Júlia, infelizmente, acabou escolhendo o pior caminho pra lidar com a situação. a Gabriela já está bem, graças a Deus, está se recuperando em casa, deve voltar pra escola na semana que vem. e a Júlia já pediu desculpas, tanto para ela quanto para a mãe dela.

a Maria Antônia falava pausadamente

nem meu pai nem minha mãe esboçavam nenhuma reação.

— de modo que elas desculparam, entenderam que a Júlia está passando por uma fase difícil. foi então que eu tive uma ideia. como vocês sabem, a filha de vocês gosta muito de escrever.

não, eles

não sabiam.

— então eu sugeri que a professora de português, a Cláudia, ajude a Júlia a escrever uma carta com um pedido formal de desculpas para a família da Gabriela. Certo, Júlia?

balancei a cabeça, concordando.

— esse comportamento é totalmente inaceitável, espero que não se repita. *nem aqui nem em lugar nenhum* — a Maria disse olhando pra nós três

e eu pensei que minha mãe contaria

dos socos que eu dei na Tetê

mas ela não contou

nada, ficou

na Ilha

era difícil para a dona Vera

estar na presença de uma mulher como a diretora

incrivelmente terna e

firme

bonita, inteligente, humana
e ainda por cima com o meu Pai na mesma sala.

— *eu queria saber* — a Maria se dirigiu a mim — *por que você decidiu usar a violência em vez de conversar?*

não respondi.

— *Júlia, eu estou falando com você.*
— *devo ter perdido a cabeça, diretora. me desculpe. não sei muito bem o que me deu.*
era mentira, eu Sabia
muito bem o que me deu. eu estava no pátio, sossegada comendo o meu lanche
quando a Gabriela me chamou num canto.
fechei a lancheira, fui até ela
pra ouvir
uma frasesinha estúpida: *talvez o seu pai vire o meu pai também.*
o quê?
não me importo se isso acontecer de verdade.
o que você está dizendo?
seu pai é tri bonito.
ah, ela Pediu
o soco que eu dei naquele rosto
aposto que ela aprendeu algumas coisas logo que caiu no chão. a queda ensina mais que o voo

— *é claro que nós te desculpamos, Júlia* — a Maria continuou. — *o que estamos dizendo aqui é que a violência nunca será o melhor caminho. guarde esse ensinamento e tenho certeza de que você agirá sempre da melhor maneira possível, ainda que a situação seja desafiadora.* — ela fez uma pausa. — *vocês querem um café?* — perguntou aos meus pais.

não, eles disseram.

— (se servindo no copinho de plástico) *eu podia suspender a Júlia, como vocês sabem*. *mas esta é a primeira falta grave dela, e nessa escola nós acreditamos no poder do diálogo.* (bebendo o café) *percebemos que a Júlia está um pouco mais reservada nesses últimos tempos. estamos cientes do motivo, e é claro que isso é normal, uma separação não é algo fácil para ninguém. o inegável, no entanto, é que a Júlia é uma garota muito querida por todos nós* (ela sorriu pra mim). *estudiosa, dedicada, sensível, criativa. acreditamos que todo mundo tem o direito de errar e se redimir dos seus erros,*

a Maria continuou falando, mas

eu parei pra descansar nos elogios que ela me fez.

como era bom ouvir
aquelas coisas tão
navegáveis sobre mim. então
eu era uma boa menina?

Acordei

com a Maria dizendo
sempre doce, lentamente, que gostaria de sugerir algo que me faria muito bem.

— *muito bem* — repetiu, alto

disse que a escola tinha uma grade interessante.
— *como assim, grade?* — foi o único momento em que a minha mãe se manifestou.
— *atividades extracurriculares, é o que quero dizer.*

— *Escuta, senhora, nós não podemos arcar com mais despesas.*
— *Gratuitas* — a diretora garantiu

e se levantou
pra abrir a porta
pediu os horários pra Marlene.

a secretária estendeu uma folha

que a Maria colocou na mesa
sublinhada estava a palavra
balé.

não vou me esquecer

da primeira terça-feira em que fui verdadeiramente feliz. então o que eu sentia antes, quando me sentia muito bem?

ah, eram

alegrias de talco, eram

sopros na pele vindos de bocas do tamanho de uma pinta

nada, não eram Nada

se comparados a essa fogueira interior que me contorcia

de ansiedade

fome f o m e

dos movimentos

vontade v o n t a d e

de balançar com a mesma força que eu percebia em algumas crianças

no parque.

a verdade é que

eu nunca pensei em chegar tão longe

dentro de um corpo como o meu que era dor e se encolher pelos cantos. eu era o lugar onde as pessoas depositavam

as suas variações de tristeza e raiva

sem medo algum de depositar, já que eu aparentava a mais pura fragilidade, o rosto coberto pelo espanto de existir.

se por acaso eu reagisse

não reagiria muito

ou pelo menos
não por muito tempo
esse era o juízo que as pessoas faziam de mim.
mesmo depois dos socos, elas diziam que
eu estava passando por uma fase difícil
ninguém me levava
muito a sério, eu era
controlável, contornável
será que
eu poderia dançar esse Engano?
provar
com movimentos rítmicos
que sou Forte.
eu queria entregar
na dança
o medo m e d o
que sinto
deixar que ele se espalhe
e se perca
na música que dançaremos
ainda que alguns de nós não se movam pelo palco
enquanto o outro
se move, Protagonista
ainda assim
pulsaremos juntos, será que um bailarino também dança o Silêncio?
se os pés tocarem o chão
ainda é Silêncio?
e o que faz um bailarino
senão devolver o Ar

que faltava em nossos pulmões?

sim,
eu estava radiante.

quando a diretora colocou a palavra *balé* no centro da mesa
era como se eu tivesse procurado aquilo
a vida inteira.

as Aulas.

aconteciam no Teatro do colégio, subi naquele palco apenas uma vez, na colação de grau
mas agora
tudo parecia diferente, mais grave
comigo descendo a rampa que cortava ao meio
a coleção de poltronas vazias.

eu estava ao lado da Maria Antônia

e faltavam bons minutos pra começar a Aula
no entanto, as bailarinas já estavam a postos
treinavam
em uma barra dourada
refletidas pelo espelho.

— *vou chamar a Madame, espere um pouco* — ela me disse.

foi quando senti os olhos
das bailarinas
em Mim.

conhecia algumas de vista.
a mais próxima de ser uma amiga era a Natasha.

eu tinha passado uma cola pra ela
na prova de geografia
e talvez agora isso me valesse de alguma coisa

ou Não. senti que Todas me fuzilavam

essa aí não é boa, deviam pensar

e talvez eu não fosse
mesmo, mas
engraçado: hoje eu só me importava com a flecha
luminosa
saindo
do meu peito
apontando
diretamente para o Palco.

a Maria voltou Acompanhada
por uma Mulher de
gestos magnéticos.
fazia tempo que estava na terra, isso era certo
no entanto, seus anos se espalharam com tamanha leveza por toda a pele que se tornava impossível adivinhar a sua idade.
usava um lenço
que se enrolava no pescoço
com o peso de uma cobra.

me estendeu a mão Solenemente
beijei e fiz
uma reverência.

— *essa é a Júlia* — a Maria me apresentou

orgulhosa, notei

gostava de mim

tanto quanto eu gostava dela. — *e essa, Júlia, é a Madame Noveli. está fazendo uma residência aqui na escola.*

— *a menina já dançou?*

— *nunca, né, Júlia*?

fiz que não com a cabeça.

— *très bien. vamos ver o que posso fazer.*

a Maria me deu uma piscadela.

eu disse que precisava falar

em seu ouvido.

— (sussurrando) *não tenho roupa.*

— *eu sei. vou escrever pra sua mãe*, *mas por enquanto não se preocupe. a Madame vai te emprestar alguma coisa.*

quando a Maria saiu

bateu aquele vento

de fim

de outono

era como se o espaço que minutos antes ela ocupava

me pesasse mais quando vazio.

ouvi a Madame me chamando lá de cima.

subi correndo

para o camarim, meu Deus, alguém me esperava em um camarim.

— *não corra* — ela disse, me parando com as Mãos. — *Concentre*

toda essa energia
para o palco.
Assenti
domando meus gestos.

— *vista isso.* — Ela me entregou um figurino

procurei o banheiro
com os olhos.

— *aqui mesmo, oui*.

comecei a tirar a roupa
timidamente
tomara que a minha calcinha não esteja suja.
vesti a meia-calça
e o collant bem rápido, meus seios ainda eram
a espera pelos seios da minha mãe.

a Madame me estendeu umas polainas
mandou eu prender bem
o cabelo.
disse que a única coisa que podia separar o rosto de um bailarino de seu público
era a cortina de um Teatro.

então eu fiz
o Coque mais firme que pude
me olhei no espelho
sentindo vergonha
do meu rosto assim, exposto, nessas horas a beleza me fazia falta.

calcei as sapatilhas.

a Madame pediu para eu abrir bem os braços
levantar as pernas
girar o tronco.

— *mon Dieu. são curtos, seus membros.*
— *Desculpe* — eu disse, não sabia muito bem o que fazer.

— *mas posso ser bastante criativa* — expliquei de repente —, *posso inclusive imaginar que tenho membros maiores, isso deve ajudar nos movimentos.*
não sei
de onde tirei essas palavras, a aura da Madame emanava um certo tom metafísico
que despertava em mim
o Desejo
de Ser
a menina dos seus olhos.

nas Aulas,

do lado de fora, aparentemente
meu corpo era o tronco de uma árvore

ou pior

já que um tronco carrega consigo a textura do Tempo
e o meu corpo, ao que parece, não passava de um tolo dançando

ou menos
do que isso

afinal um tolo sempre tem a sua graça
e o meu corpo era a morte dançando
ou seja: uma dança impossível.

acontece que
dentro da minha cabeça
ah!, lá Dentro
da minha cabeça

eu era a mais pura Seda pendurada no varal.

o pregador que me segurava

era antigo, não tinha forças

então Eu me Libertava

filha do vento
planando no céu.

em meu centro: movimentos de marola.
ou: bandeira hasteada de um país que tem sido justo aos seus.
na minha cabeça, lá
no fundo
Eu
era a Pena
que antes de cair
por terra
ensaiava a sua dança
tímida, discreta
e por isso
belíssima

Mas

a Madame foi me contando
com um balde de água fria nas mãos

que tudo o que eu sentia por dentro, essa Chama

simplesmente não chegava
a quem me via.
com o seu corpo que carregava
um pedaço

de cada país que já tinha acolhido a sua Dança, a Madame me revelou que

ao seu mundo eu não causei nenhum abalo

ou brisa

nada nasceu ou morreu porque eu me mexia

ela me disse, especialmente

que o Artista não é quem explode por dentro, isso pode acontecer com toda e qualquer pessoa; só é Artista quem Entrega

a explosão

aos pés do público

com ritmo, poesia, beleza

ainda que ele esteja dançando um crime.

— *é um pombo-correio* — ela continuou definindo — *dos céus ou dos infernos, na pas d'importance, Júlia, olhe ao redor.*

Obedeci. faria qualquer coisa que ela me pedisse.

— *veja as meninas dançando. elas estão fazendo o movimento completo. e Além, expandidas. Está vendo?*

balancei a cabeça positivamente.

— *pois! a Arte está no além, é nele que podemos colocar um pouco do que somos, sem jamais atrapalhar a coreografia. au contraire, Júlia, não há bailarina que dance a mesma música da mesma forma.*

comecei a pedir pra Deus

toda a sabedoria que há na elasticidade

comecei a ser agressiva

com Deus, lançar pedras

no céu que eu almejava alcançar

e para minha surpresa, a Madame me pediu calma
disse que ainda estávamos
no começo
e que a vida não se resolve em um dia só.

depois dos ensaios

eu procurava no dicionário
palavras que pudessem me
representar: *desarmonia, descompasso*
peso, rocha

ai, que corda
no meu pescoço, quanto sangue

no entanto
a cada golpe
eu me sentia ainda mais Viva.

chegava em casa e
não dava nem boa-tarde, ia logo subindo
para o quarto.

minha mãe não perguntava nada
sobre as Aulas, nem nos nossos sussurros noturnos
e ainda que eu falhasse miseravelmente
o balé estava sendo tão intenso que
a dona Vera já não me fazia grande falta
a minha cabeça estava toda voltada
para a Dança

boa ou má que eu realizava, não importa, eu só queria continuar tentando

e continuar

tentando

já que o exercício

da Busca

me proporcionava o lugar mais acolhedor que eu tinha habitado até ali.

percebi que

essa minha nova forma de encarar as coisas

era desconcertante para a dona Vera

que nunca tinha me visto assim, tão Impenetrável.

andava pensativa pela casa

devia estar se perguntando como derrubar o muro

para então estragar tudo

de novo e mais uma vez.

acho que se arrependeu

de já ter quebrado

o meu quarto, de já ter me batido

em tantos ângulos.

quando pequena, por exemplo, eu tinha medo

de Sombra

gritava

da cama

e minha mãe dizia: *é você, Júlia. a sombra é você*.

agora em silêncio

ela percebia que o seu erro foi usar todos os recursos

um atrás do outro

muito rápido
isso acabou me deixando
resistente como o diabo
e nas mãos da dona Vera
nada (ou quase nada) que ainda pudesse me cortar.

a Madame já tinha me avisado
que eu precisava
do meu próprio Equipamento.
suar com a roupa dos outros
era como
dançar com o espírito dos outros, e um espírito não se empresta
eu jamais encontraria uma movimentação autoral desse jeito
precisava desvendar meu corpo
nos limites de uma roupa inédita

e a dona Vera Demorava, Demorou
Meses

até que um dia ela me disse: *vou comprar*
o uniforme.

senti   A l í v i o
ao vislumbrar a sua imagem
se aproximando
do portão da escola.

ela usava aqueles óculos escuros
que lhe caíam bem, é verdade
agora ela vendia perfume na casa das pessoas

e assim, de longe
até que parecia uma boa mãe.

caminhamos em Silêncio
em direção à loja

o som
dos nossos passos

pisando em
folhas secas.

Entramos.

minha mãe deu *boa tarde*
para a moça do balcão
que devolveu o cumprimento com a cabeça.

então ela pediu
o meu collant, meus acessórios.

a moça explicou que
em todos os tamanhos
e até o ano seguinte
tinha acabado
o rosa

— *é que a fábrica pegou fogo e agora só temos o que está nas prateleiras. pode ser azul?*
senti um frio me percorrer a espinha.

respondi internamente que Não, pelo amor de Deus Não, vamos olhar em outras lojas, mãe, todas as meninas estão de rosa e até

a Madame, de Rosa, eu não quero ser a única de azul e nem posso, pensa comigo, se eu já me destaco negativamente estando igual a todas

imagine agora

vestida de água e não de Flor, mãe, Perceba: a Flor finca, a água Escorre

pois

que dê o fora daqui de uma vez, previ as vozes

das bailarinas satisfeitas

e a minha mãe disse:

— *Sim, claro.*

abriu a carteira.

— *que tragédia essa história da fábrica.*

desaguei
no Teatro
arrastando o meu fundo de rio.
até passou pela minha cabeça mudar de rumo
aparecer na sala da Maria Antônia, contar tudo
sobre o meu collant, meu náufrago, mas
eu não queria que ela me visse assim
tão líquida, talvez até pensasse que sou fraca.

atravessei o corredor de poltronas vazias

que nunca seriam cheias aos meus olhos, isso eu já previa.

passei a mão pelas paredes, quantas coisas elas já não viram?
ensaios, espetáculos
formaturas, reações
quando não aguentam mais: racham
encontrei
pequenas rachaduras por toda parte
microfeixes de luz.

pensei que hoje seria bom desfrutar de alguma solidão na sala
de espelhos, subi para o camarim vagamente
iluminada por essa ideia, mas
agora era tarde

várias bailarinas já estavam se arrumando por ali.
me olharam com o habitual desprezo
que pioraria muito
em instantes, isso eu também já previa.

tentei ser discreta
ao tirar
meu collant da sacola
atrasar as reações era um plano, mas
as bailarinas são atentas por natureza, verdadeiros alces quando um tigre está por perto

e logo Ouvi

o bochicho, os sussurros
— *isso não é roupa de bailarina.* — risinhos.
— *é como acender a luz no que há de pior em nós.*

passei tanto pó
no rosto fingindo
não ouvir
o Coro
que
na terceira camada eu fiquei parecendo uma santa

na quinta um Fantasma.

a Natasha atravessou o camarim com a sua mochila.
soltou um *Nossa* por cima dos ombros
a única palavra que me dirigiu até ali.
Ingrata. que Ingrata, meu Deus!, pois Saiba

que nunca mais te passo nenhuma resposta
nem pra você
nem pra Ninguém.
se eu sobreviver
a isto
juro que daqui pra frente
eu quero
pensar somente em mim.

as bailarinas foram chegando.

me olhavam
sempre de cima
pequenas madames
só que cruéis, com escárnio.
a Madame não era assim, não mesmo, seu pódio era absolutamente merecido
e quando Ela apareceu no camarim eu corri para os seus braços
que estavam tão frios quanto o azul da minha roupa. tentei explicar a tragédia da fábrica, mas ela me fez fluir

    para o Palco, não sem antes esfregar uma toalha no meu rosto

        levando embora

            o meu fantasma, a minha santa.

disse que hoje não queria conversa, queria Prática.

— *Prática!* — repetiu batendo palma. — *Travailler, les filles! falta pouco para a nossa apresentação.*

& eu no tablado

trêmula, esperando

o quê,

um tiro?

a madame ligou a Música em seu rádio prateado.

a Orquestra começava num Lampejo.

imediatamente as bailarinas fizeram um círculo

e o alongamento? já foi.

e o círculo? se Transformou

em um Incêndio, em outros

e eu

pelos cantos, eu correndo atrás do fogo sendo água, eu caindo

no palco, tropeçando

no ritmo,

a Dança

virando a mão

de uma piscina

me afogando

para onde foi aquela força de não me importar?

a Madame me repreendeu

severamente, estava Áspera.

começou a Dançar me mostrando o caminho

— *vê*

como faço.

! ^ |\\| !

cigana
do povo
a sua Dança era

Fogo e Lava

pulseiras tintilavam em seus braços
e a Música crescia a Música rodava a Música era a Alma deste mundo
tanto vigor
em seus ossos
dá pra estudar anatomia em seus músculos, Madame,
a senhora nasceu
Pássaro?

(as bailarinas saltavam na minha cabeça)

a senhora nasceu
Anjo? pra depois e finalmente

Nascer Mulher?

(as bailarinas pisoteavam o meu peito)

Madame, a senhora que já renasceu
tantas vezes, o que a senhora tem a dizer pra mim que sou apenas casca? veja, dia desses gostaria de Ser uma presença por inteiro

! ^ |\\| !

que conselho

a senhora daria

para alguém que é o fruto

de um amor devastado

me conte!

como eram seus pais, Madame, amáveis? na sua Dança que é dona de qualquer espaço dá pra ter uma boa noção dos pais que a senhora teve, eles devem ter sido incríveis

iguais!

aos pais da Maria Antônia

iguais!

aos pais de todo mundo

sabe que o meu

é órfão? tenho inveja

disso, morro de inveja das pernas também, ah, se eu tivesse aquela amplitude! talvez o meu papel não fosse tão pequeno na nossa coreografia, já sei, Sangue! claro, Sangue! será que a mistura do vermelho com o azul dá o rosa? se der, podem pisar no meu tronco, bailarinas, me desfaleçam! transformem tudo em Rosa através da força bruta!

— *descanse, Júlia* — a Madame Ordenou

passando a Mão pelo meu rosto como se desejasse a morte dos meus cílios.

— *Descanse, cherie* — repetiu

assustada com a minha Febre.

— *não me enterre* — pedi

comecei a madrugar
no Teatro
a ser o primeiro pé depois da chave.
desisti
das rachaduras, a luz delas não me salvaria, troquei
pela porta
me escondia atrás
da cinco
que levava direto pra coxia.

ficava ali
por longos minutos

] escutando

o que as bailarinas falavam sobre mim.
queria dar Liberdade a elas, que fossem mais longe
e elas foram, me chamaram de: *besta, inútil, pesada, sem talento, feia, tenho pena, pior que pedra, tenho pena*

] e ?

que mais?

que mais, bailarinas?
digam Mais, me contem
tudo
sobre mim

mas elas não contaram.
com o passar do tempo
começaram a falar de: formatura, praia, garotos, festas, eu não chocava mais ninguém com o meu desastre e

na terça-feira que encerrou meu ciclo

] coloquei o corpo atrás da porta pela última vez.

esperei as Vozes
no escuro

estranhei quando ouvi os passos da Madame
que não tinha o hábito de chegar tão cedo
e outra, ela estava acompanhada
por uma voz tão familiar que me causou
arrepios,

]Mãe?

elas se sentaram, escutei.

foi quando a Madame disse
assim, com todas as letras
que eu não levava jeito

pra Dança

explicou que o meu corpo

era Lento

riscou alguma coisa no papel.

Inexpressivo, disse por fim

e alguém tossiu.

— *fora que a coreografia já está bem adiantada, temos uma apresentação no fim do ano.*
minha mãe deve ter balançado a cabeça
— *alor, por que vocês não tentam a natação?*

nessa hora
uma bailarina empurrou
a porta da coxia, Urrei
de dor.

a Madame também gritou
de susto

já minha mãe pediu *calma, fica calma*
acontece que eu não estava conseguindo tirar a mão dali.

chamaram o bombeiro
da escola
que voou até nós.

ele derramou um *Óleo*

pelo vão da porta
vai tentando
tirar os dedos
devagar, isso

]
s a i u
                — avisei.

meu rosto estava coberto
de suor e então ouvi
os aplausos
?
pela minha coragem, disseram, e ainda por cima sem chorar.
as bailarinas
já não me olhavam com desprezo
?
outros alunos se aproximaram, a professora de geografia, a de português

e os Aplausos
quentes, intermináveis

— *não quebrou nada* — o bombeiro disse, examinando a minha mão.

foi quando eu olhei
pra ela: unhas com sangue/hematomas
na pele. parecia um
pé de Bailarina, sorri.

— *é melhor levá-la pra enfermaria* — ouvi a voz da Madame

e no susto (que deve ter sido grande, já que nem na Dança isto acontecia)
no susto (então ela gostava de mim?)
caiu seu Lenço
revelando uma pele de
Cicatrizes
— *vamos, Júlia.* — minha mãe me conduziu para a saída.
— *precisa de maca?* — o bombeiro brincou

e todos riram

perguntei
da Maria Antônia
— *está em reunião, mas eu acompanho vocês* — a Cláudia se ofereceu.

caminhamos
até a enfermaria

senti na nuca os olhares curiosos.

então a professora nos deixou
aos cuidados de uma jovem médica
minha mãe explicou o ocorrido.
a doutora escutou
examinando meus dedos, disse que eu tive sorte

sorte?

não era grave

grave.

— *o que você estava fazendo atrás da porta, afinal?* — ela me piscou antes de mergulhar na outra sala

para ir buscar

um analgésico.

— *por que você fez isso?* — minha mãe aproveitou pra perguntar, mas

eu estava muito Cansada

— *pra chamar atenção?*

não respondi.

— *pois saiba que o seu pai não volta, ainda que você se mate o Sérgio não mora mais aqui*.

aqui?

não estamos em casa, mãe.

ou estamos?

— *agora é com a gente, Júlia, entenda. ouviu? eu só tenho você.*

ela me abraçou. seu cabelo

volumoso

\dentro da minha boca feito terra\

Terra

vivo neste quarto de pensão
e porque já estou aqui há algum tempo
o sinto como uma continuação do meu corpo.
chego da rua
abro a porta e
é como se o meu espírito pudesse voar por essas paredes
sem que eu morra por ele estar voando do lado de fora, aqui
não é fora/ é dentro
com um quê de transe
típico de um sonho denso.
no Quarto.
há uma janela que mantenho aberta mesmo quando escurece.
tem a cama, que range e se lamenta do peso que deposito nela,
às vezes num salto, em outras
delicadamente.
tem a mesa
de pernas arriadas
com trinca ramificada

no meio, *o que fizeram com você?* pergunto alisando
a madeira
e tem
uma pequena banheira com manchas, além das torneiras de ferro, elegantes, e um espelho descamado que mal revela os azulejos que estão à sua frente.
de volta ao Quarto, há um abajur vermelho ao lado da cama
e um copo com flores que colho na rua, elas vivem
por uns dias
depois desistem
de tudo, gosto de vê-las desistindo, não é rápido, elas vão tentando
segurar o fio da vida pelo cabo
e quando chegam no auge de sua beleza
não aguentam
por muito mais
tempo
costumo guardar
as pétalas
dentro de uma caixa de sapato.

abro dias depois

só para vê-las amanhecidas
e impressionantemente ainda belas.

se as pessoas se despedissem assim do mundo, doeria menos perder alguém?
se nós pudéssemos guardar
quem já não está
em caixas
pra depois jogar as suas peles

em uma carta
sem assustar ninguém, pelo contrário, e se conseguíssemos evocar o outono
com as partes do corpo de quem já se foi?

aqui no Quarto, quando tenho tempo
aproveito pra me deitar
no assoalho e
ler vagarosa
o último livro que aluguei na biblioteca municipal.

também tenho um rádio
de pilha
que ganhei de aniversário
do meu pai.
mantenho na estação USP, eles têm uma programação de música clássica
que me faz até

dançar.

eu gostaria de ter frequentado a universidade, é claro.
estudado filosofia, talvez.
mas não deu tempo, comecei logo
a trabalhar
em um Café, o lugar chama assim: Café.
é ali na esquina, veja

Lá,

sou eu e a Dona Cíntia
que está sempre indo
e voltando

do mercado, do banco

vez em quando seu marido aparece

dele eu não gosto, é um mal-educado

mas vai pouco

ao Café.

o filho deles, o Ricardo

foi estudar na França

e a Dona Cíntia ficou bem mais triste do que esperava quando ele partiu.

depois do Café ela melhorou bastante, mas vez em quando eu ainda sinto um cheiro de álcool saindo de sua boca

e eu digo, por cima do balcão, o avental no ombro:

— *se a senhora quiser conversar sobre alguma coisa, estou por aqui.*

ela passa a mão no rosto, me oferece um sorriso. deve me achar jovem demais para ter o tipo de conversa que gostaria

e falando mesmo

em se abrir, o que me ajuda é ter mantido o hábito

de escrever no meu diário.

gosto de anotar os sonhos que tive

ainda na cama, pra não esquecer.

depois eu

visto uma roupa, minha bota.

atravesso a rua e entro

no Café. não é um lugar movimentado, longe disso, a vantagem é que os clientes são assíduos.

o mais fiel de todos

é o Vegas

um ex-lutador de boxe que teve que se aposentar depois de uma fratura na costela.

ele manca

e o seu tronco lembra a torre de Pisa.

quando você olha pra ele

não sente medo, sente

pena

e isso deve destroçar o coração de um ex-boxeador.

então eu demonstro respeito quando atendo a sua mesa, sou boa ouvinte das histórias que ele conta a tarde toda no Café.

acho que o Vegas mente bastante

para se libertar

não de alguém, como eu fazia quando pequena, mas do peso do que lhe aconteceu.

deposito o seu misto-quente na mesa

seu conhaque

seu café curto

enquanto ele tagarela

sobre os campeonatos, seu professor de boxe (um cubano que agora descansa a sete palmos depois de ter sido nocauteado em uma luta clandestina), o Escuto

sempre atenta, com a bandeja rente ao peito

e às vezes anoto

no diário

uma coisa ou outra sobre o seu temperamento.

gosto de observar o Vegas especialmente quando ele se cala

enquanto uma garoa fina cobre a rua com o seu brilho prateado.

já tentei indicar uns livros pra ele, mas o Vegas me diz que é um homem de ação. respondo que ler é viver muitas vidas além da sua

— *e se isso não for ação* — termino, depositando a conta em sua mesa —, *eu não sei mais o que é.*

— *ainda vou tentar esse negócio de leitura. por você, hein, Julinha.*
— *não, Vegas. faça por Você.* — pisco.

ele me retribui com uma gorjeta.

me lembro do dia em que fiz a minha entrevista de emprego no Café.

enquanto eu conversava com a Dona Cíntia e percebia nela um interesse pelo meu poder de trabalho, um pequeno prédio no fim da rua chamou a minha atenção.

o sol das cinco

batia nas janelas de um jeito nem forte nem fraco que, confesso, me emocionou.

morar com a minha mãe

estava se tornando algo Insustentável, se eu continuasse debaixo de seu teto, eu envelheceria definitivamente, já estava acontecendo

fui a criança mais velha do mundo

e estava me tornando

a jovem mais antiga

da rua

eu precisava tanto de um

Espaço e

depois que a Dona Cíntia me contratou

eu perguntei o que era aquele predinho.

— *é uma longa história.* — nos sentamos novamente.

e ela me contou que aquele lugar tinha sido uma casa de prazeres chamada Guadalupe. o ponto ficou famoso pela beleza

de suas dançarinas
além do preço
acessível
e do Jazz, sempre ao vivo.
a rua era fechada pra carros, alegre, cheia de turistas.
até que um dia
um cliente doentio, apaixonado
depois de exigir de uma dançarina a exclusividade que ele não podia pagar
atirou nela
em seguida abriu a boca
apertou o gatilho
se matou.
a moça chamava Matilde e era a luz daquele lugar.
depois da sua morte, a casa ficou fechada
por anos
era vista como ponto de má sorte
até que
uma Mulher
de meia-idade, uma viúva recém-chegada do estrangeiro
decidiu investir parte de sua herança
naquele lugar que era a própria morte, o cheiro impregnado
nas paredes
para então com uma boa reforma, limpeza e alguns quadros
transformar de novo em Vida aquele lugar.

e foi o que aconteceu.

depois do investimento, a viúva Argentina

— *espera um pouco.* — interrompi. — *o nome dela é esse mesmo?*

— *sim, Argentina. bom, pelo menos foi o que eu ouvi dizer. ela passou a alugar os quartos*

para estudantes

e aposentados, alguns viajantes também, pessoas de passagem, enfim.

aos poucos, a rua foi voltando a ter algum brilho. hoje é um lugar agradável.

ao ouvir a história eu não tive dúvidas: era no antigo Guadalupe que eu queria morar.

Consegui, depois de uns meses

e só tive coragem de contar pra minha mãe no dia da mudança.

fiquei com medo de que ela estragasse tudo, e também não encontrava as palavras certas para dizer

isso, mãe

estou Indo

me sentia muito Culpada

por deixá-la assim, Sozinha.

abri o diário:

me desculpa, Mãe. faz alguns anos que estou juntando forças para deixar o seu teatro, eu que sempre fui o seu público mais fiel. acontece que chegou a hora de parar de assistir à vida dos outros. chegou a hora de eu viver também.

na manhã da mudança, coloquei as minhas coisas na mala.

desci as escadas, pensativa.

minha Mãe estava de costas, na cozinha

coando o café.

— *tá quase pronto* — ela disse, sem se virar.
— *não precisa, mãe, eu já estou indo.*

e vê-la ali, de barriga na pia
quase me fez correr para os seus braços, me ajoelhar
aos seus pés.

Ela se virou.

— *está de mala?*
— *ah, isso? sim, é que* (coçando a nuca) *agora que estou trabalhando, achei melhor ficar perto de lá, minha chefe não gosta de atrasos*. *e tem uma pensão na rua, acho que vai ser mais prático.*
— *você está pensando em alugar um quarto, é isso?*
— *não, na verdade eu. já aluguei.*

meu corpo desmanchava
sob a luz do seu olhar
ainda assim, tentei agir naturalmente.
— *na quarta eu venho ver a senhora, tá?*

beijei
a testa dela, de onde vinha
tanta calma
dos livros que eu andava lendo?

fechei a porta, ganhei
a Rua
achei que
sair de casa seria um momento de vozes altas e

pratos tentando acertar a minha cabeça, mas
tudo o que eu ouvia era um zumbido
insistente, uma mosca perdida
no fundo de mim.

segui Avançando

de repente me vi correndo

até o ponto
de ônibus

(o coração na boca)

então
é isso?
agora eu sou dona
do meu tempo
e do meu corpo
todos os meus desejos assolavam o meu espírito, a grande festa,
você precisa olhar pra gente agora
Sim, eu sei.
calma
aos poucos
cuidaremos de tudo o que ainda não fomos e

sair de casa

morar na pensão

se revelou a melhor escolha que fiz na vida.

a viúva me recebeu muito bem. perguntou se eu era daqui, se eu fazia universidade, disse até

que eu era bonita.

ainda não conheço todos os meus vizinhos

no entanto sei

pelo tom dos cumprimentos

quando trombo com alguém

na escada

que eles são do tipo solitários, como eu.

mesmo a viúva Argentina, apesar de carregar consigo o nome de um país, sinto que ela também tem aprendido com o silêncio que recai sobre a pensão depois das dez. é uma mulher admirável, de seios tão vastos quanto os de minha mãe.

ela tem uma tatuagem

perdida entre as carnes

reparei outro dia quando paguei o aluguel

e até isto ela me disse: *não tenha pressa. não tenha pressa que o dinheiro*

não é tudo.

à noite, vez em quando vejo

a fumaça do seu cigarro

subir

pela minha janela.

depois escuto

o cantarolar

de um bolero

e pela primeira vez na vida não sinto vontade de desaparecer.

minha mãe veio na pensão umas poucas vezes, sou eu que a visito com mais frequência. ela costuma dizer que moro em um *muquifo*, imagina se soubesse da história toda.

não gosta da viúva Argentina, é claro.

e o mal-estar é mútuo, as duas vêm de mundos tão
distintos que vejo nascer entre as bocas
um muro que só cresce.

quando a viúva coloca os olhos na minha mãe
leio
em sua testa: essa mulher não me engana. ah, não me engana.
e então se serve
de uma dose de licor
vira e bate
o fundo do copo no balcão.

já a dona Vera deve se roer
de ciúmes
a viúva é essa mulher extraordinária, carismática até o talo,
misteriosa também.

então a minha mãe coloca a culpa na sujeira

(o chão brilhando)

diz que a rua é perigosa

(os cães sem dentes)

não há ventilação no quarto

(a janela aberta)

depois diz que há
ventilação até demais.

o Tempo. ele tem acentuado esse traço de
competitividade que minha mãe sempre nutriu por outras mulheres.
ela só se sente à vontade com as muito velhas ou quase mortas
talvez ela saiba
que está envelhecendo
mais rápido do que gostaria.
detesta passar na frente do cemitério, por exemplo, acelera o passo como se estivesse sendo perseguida.

temos as nossas brigas quando a visito.

e agora a sua violência foi morar especialmente nas palavras, ela ofende
o meu quarto, as maquiagens
que não uso, os homens
que não tenho.
— *se você não criar laços* — Avisa — *vai acabar envelhecendo sozinha. nem o dinheiro te salva, entenda, uma velha endinheirada é a coisa mais triste, é a cara do deboche. sabe aqueles quadros de palhaço que ficam com a boca aberta pra você jogar bolinha?*

às vezes eu tento explicar pra ela
que me sinto
feliz como nunca

e ela me responde: *cuidado, Júlia. cuidado*
com a ilusão.

ah, o Tempo.

depois que saí de casa, sinto que o novo lugar favorito da minha mãe

, é no Passado

o dia de hoje serve apenas de apoio
para os pés
enquanto o resto do corpo não para
de lembrar e lembrar.

mesmo quando a minha mãe está diretamente falando comigo, quase sempre ela está falando consigo
é como se a sua voz contasse
para essa mulher que hoje habita o seu corpo
como a vida costumava ser melhor.

— *já tive homens aos meus pés* — ela diz. — *já recebi flores de homens que estavam aos meus pés*.
— *igual à vó?* — pergunto, quebrando o ciclo.
— *ah, não. não, não, não* — ela responde, aborrecida

então aviso
que já estou indo

— *quando você volta?*
— *na quarta da semana que vem.*

beijo
a sua testa
fecho
o portão e

antes de acelerar o passo

dou uma última olhada
para aquele lugar que
mesmo não sendo mais o meu

e quando ele foi?

ainda é
a imagem que me vem à mente
toda vez que escuto ou digo a palavra casa.

nos tempos que correm, há um acordo silencioso entre o meu pai e eu: para os nossos encontros, preferimos os lugares públicos
melhor ainda se o programa já estiver definido
por telefone, geralmente no dia anterior.
pode ser qualquer coisa: café, almoço, não importa
o que importa
é ter algo nas mãos.
quando estamos em um espaço íntimo como é a casa de uma pessoa
nossas pendências emocionais, inevitavelmente, recaem sob os nossos corações.
na rua também acontece, mas
o fato de estarmos cercados por estranhos
não sei, torna tudo mais leve
logo nos distraímos
com o turbilhão da cidade.
meu pai trabalhou em uma loja de material de construção por toda a vida.
se aposentou recentemente, mas ainda passa na loja
uma vez por semana pra rever os amigos.
vou com ele antes de adentrarmos o nosso programa e
o sinto muito diferente na loja
penso que jamais conseguirei desfrutar desse Sérgio que os seus colegas acessam

com tamanha naturalidade.

eles conversam sobre assuntos que mal entendo, os rostos vermelhos pelo prazer de estar juntos.

a certa altura, meu pai diz que precisa ir andando

passa a mão

no meu cabelo

de um jeito que ele não faria se estivéssemos a sós.

seus amigos o incentivam: *vá, vá, homem. e na semana que vem volte com um engradado de cerveja.*

ele se vira, sorrindo, dá um último aceno.

escuto o sino da porta

e em seguida ganhamos

a rua.

— *vamos almoçar no Sebas?* — ele pergunta, já com seu tom habitual.

— *é claro que vamos almoçar no Sebas, pai, já não tínhamos combinado por telefone?*

eu gostaria que fosse mais fácil

estar com ele

como é fácil pra mim conversar com o Vegas, por exemplo. por que será que os estranhos sempre nos pesam menos?

talvez por serem terra desconhecida, é o que abre espaço para a nossa imaginação.

fulano deve ser ótimo, pensamos

e as respostas ficam em suspenso

amamos a possibilidade

de a pessoa ser exatamente aquilo que projetamos nela.

os estranhos não nos doem porque ainda não nos decepcionaram

e se mantivermos tudo a uma boa distância: seguirão sendo

essa doce incógnita.

olho para o meu Pai de relance.

ele faz menos sucesso com as mulheres agora.

ainda assim, vez em quando arruma uma garota que o acompanha por um mês ou dois.

nunca me perguntou se tenho alguém.

não sei se estranha a minha solidão.

é engraçado. minha mãe me cobra as relações como se o meu corpo fosse uma bomba-relógio. já meu pai é puro silêncio nas questões afetivas

e eu não me encontro

em nenhum dos volumes.

entramos no restaurante.

o Maurício nos conduziu até a nossa mesa, perto da janela.

perguntou se já queríamos os waffles

ou se esperaríamos

um pouco mais.

— *não, não. pode trazer.*

quando o Maurício se afastou, meu pai disse que queria me contar uma coisa.

— *o quê?*

— *agora que tenho esse tempo livre* — fez uma pausa. tossiu.

— *o que está havendo, pai?*

— *não é nada demais, na verdade. é que. eu comecei a fazer umas esculturas.*

— *esculturas?*

— (rindo) *você parece surpresa.*

— *e não é pra ficar?*

o Maurício serviu os nossos pratos. deu um tapinha nas costas do meu pai, que sorriu

por cima do ombro, sem se virar.

— *quando isso começou?*

— *já faz uns meses.*

— *o senhor não me disse nada.*

— *estou te dizendo agora.*

comemos em silêncio por um tempo.

então perguntei que material ele usava.

— *argila* — disse, abrindo a carteira. tirou dali umas polaroides das suas esculturas

colocou na mesa, eu

nem sabia que meu pai tinha máquina.

— *o senhor está usando alguma técnica?* — perguntei

por perguntar.

— *nenhuma* — ele disse, Divertido

e eu pensei que nenhuma era a palavra exata

para a quantidade de fotos

que meu pai já havia tirado de mim.

quando cheguei na pensão, a viúva me perguntou se estava tudo bem.
respondi que sim, claro

ela ficou me olhando preocupada.

comecei a subir
pro Quarto

— *Júlia.*

me virei de novo

ela estava pegando um molho de chaves enroscado na cintura.

me convidou com os olhos
a acompanhar
os seus passos

bem, eu
Obedeci.

depois ela abriu uma porta
no vão da escada
que sempre despertou a minha curiosidade.
foi quando eu descobri

que a viúva mantinha um
esconderijo, uma pequena sala
de Chá. com paredes vermelhas, móveis antigos. um cheiro de tapete que fica guardado
por m u i t o tempo. o espaço
tinha qualquer coisa de
camarim, talvez pela luz
e a viúva me explicou que ali era o seu refúgio, a sua Ilha.

— *sente-se*.

ela abriu
um armário baixo
pegou uma xícara
com desenhos do Japão.

— *não é uma beleza?* — perguntou, olhando ao redor.
— *um tesouro, sim.*
— *já estava aqui quando eu comprei.* — disse me servindo um chá de hibisco.
— *até as louças?*
— *os tapetes, tudo.*
— *parece um lugar perdido no tempo.*
— (acendendo um cigarro) *aos corações perdidos, um lugar perdido.*
nos calamos
por alguns instantes
era a primeira vez que ficávamos assim, sozinhas. na recepção sempre aparecia alguém, fora o movimento
da rua, então eu
comentei
que o português dela era muito bom.

— *a senhora parece uma nativa.*

— *e Sou. mudei de país só depois que me casei.* (soltando a fumaça) *e não me chame de senhora, por favor.*

dei um gole no chá.

— *combinado?*

— *Sim.*

a viúva apagou o cigarro depois de um tempo. disse:

— *tem alguma coisa entristecendo você.*

— *é uma pergunta*? — tentei sorrir.

— *Júlia. não é bom guardar tudo pra si o tempo todo. é por isso que existe a boca, a palavra, os Outros. viu? você pode confiar em mim.*

e nessa hora eu

quase desmorono

nunca ninguém tinha conversado comigo naquele tom.

a viúva pegou meu chá, apoiou na mesa.

deitou

a minha cabeça

no seu colo, meu cabelo crescia

ao seu Toque.

— *não é melhor a senhora, quer dizer você. não é melhor você voltar pra recepção? e se alguém estiver precisando de alguma coisa?*

— *s h i i u u.* — ela me interrompeu

e o Ar que saiu de sua boca
pousou na curva
dos meus ouvidos
como se cantasse
ao meu espírito: *Desfrute desse tempo que é seu.*

subi para o meu quarto me sentindo outra, bem mais leve.

abri a porta, as flores

estavam com um cheiro acentuado

provavelmente morrerão

entre hoje e amanhã.

quando a morte ronda as pétalas, o cheiro Cresce, é um grito, mas a nossa impotência é muito grande, *queridas*, não há nada que possamos fazer.

olho para o livro do Manuel Bandeira em cima da cama.

penso na bela Matilde que levou um tiro enquanto dançava.

lembro dos passos acelerados da minha mãe na calçada do cemitério

prevejo o ovo que será a cabeça do meu pai em alguns anos

as linhas se formando debaixo dos olhos do garçom Maurício

o pó

em cima dos móveis

as camas

vazias de um asilo

acidentes

de automóvel

pernas

com varizes

a Morte nos circunda

de dentro pra fora e por todos os cantos, ainda assim, impressionantemente, o medo não é o nosso estado natural.

liguei o rádio.

meu locutor preferido, o Beto Roberto, diz que faz vinte e dois graus na cidade
com aquele seu tom que parece dizer alguma coisa por trás da coisa.
depois ele dá a dica de um filme francês em cartaz no belas artes
e avisa que teremos duas horas de Beethoven.

me apoiei no beiral da janela, nostálgica

enquanto meus olhos observavam a tarde se esvair do dia.
gostaria de captar
o momento exato em que o véu da Noite se instala no róseo do fim da tarde, mas acontece que a transição do tempo
é arenosa e
quando dei por mim
a Noite havia se instalado na minha rua por completo.

estiquei a mão no vazio,

garoava.

logo subiria aquele cheiro de asfalto molhado que remete ao verão.

um cachorro latiu
longamente
parecia carregar um aviso
para cães menores, quem sabe até para as aves também.

abandonei a janela quase sem me dar conta dos meus gestos

(Beethoven dançava com as minhas Angústias)

preparei meu banho
tirei a roupa
que ficou embolada
num canto
a folha de um texto ruim.

peguei meu diário
entrei na banheira.

fechei os olhos pensando no rosto do meu pai.
será que sei as suas feições de cor?
como era o seu nariz, a sua boca?
eu reconheceria o meu pai em qualquer lugar do mundo
ao mesmo tempo que não me lembrava dos detalhes de seus traços.
abri meu diário.
eu estava com vontade de Escrever
não sobre mim
gostaria de
escrever uma história
será possível? escrever
sobre o outro, esquecer
do eu.
bem, talvez
seja parcialmente possível, dei um clique
na caneta:

Na casa de Ed, a noite chegava antes da noite. Precoce, ela se instalava na sala através de uma luz azul-marinho que emergia do taco, mas se por acaso alguém abrisse a janela, ainda dava pra ver o sol e no fundo do céu uma linha em vermelho-fogo.

Para Ed, essa era a hora mais temida: seu tio voltava para casa. Era um homem barbudo, caminhava pesadamente pela vida, cheirava a álcool e a destruição. Durante o dia era melhor, o trabalho na plantação mantinha o velho ocupado. Mas quando o relógio estava perto das cinco, o coração de Ed parecia uma ave em temporada de caça, nunca a morte, apenas o tiro cada vez que ele via o tio.

Em sonhos, Ed fantasiava que o velho se perdia em um milharal, ou quem sabe até poderia ser sugado pela terra, o garoto rezava pedindo essas coisas, sinal da cruz, amém. Então, no dia seguinte, às cinco da tarde e mais uma vez, seu tio entrava pela porta da sala, com suas botinas de enxofre e sua insolência.

Preciso rezar com mais joelho, o garoto pensava, tentava fazer isso com um vigor impressionante, as longas mãos de Ed apontavam para o céu implorando tire, Deus, esse homem da minha casa. Ainda que meu pai não volte. Ainda que eu fique sozinho com o silêncio da minha mãe.

paro. Releio.

acrescento: *Mas o fato é que Deus parecia surdo aos seus apelos.*

(Beethoven ri da gravidade dos meus gestos)

fecho

o diário, coloco

no chão do banheiro.

mergulho

(ecos do piano)

e fico

submersa

até Quando?

estávamos só com o balcão aceso. no fim do expediente,
a Dona Cíntia e eu gostávamos de trabalhar assim, a meia-luz.

o dia fora agitado por conta de uma mesa de adolescentes que tinham vindo ao Café. eles queriam tomar cerveja, vodca ou qualquer coisa que os fizesse *beijar o céu*.
expliquei

diversas vezes

que não servíamos álcool para menores.

— *não somos menores*.

— *então cadê a carteira de identidade?*

eles Riram

perguntaram se eu era da polícia, a verdade é que

não precisavam

de bebida nenhuma

fazia muito que flutuavam.

pensei, enquanto secava os copos, que nunca carreguei essa

explosão de energia no corpo, deve ser porque

eu nunca tive uma turma

e algumas forças a gente só exerce quando está em grupo.

confesso que

gostaria de ter

essa coisa que os adolescentes carregam

isso de

viver sem pensar. sem me observar de fora, sem

calcular cada gesto.

foi quando escutei a voz do Vegas me perguntando se estava tudo bem.

me virei, não sem susto, era a segunda vez que essa pergunta me atravessava.

imagine isto, ter que contar os meus *problemas*

cada vez que alguém me perguntar por eles

ao mesmo tempo que não resisto

quando sou abordada assim, com algum afeto

dá vontade de

abrir

o zíper da pele, derramar meus cacos, veja: esta sou eu.

respirei fundo.

— *tudo, amor. por quê?*

— *eu vejo você botar a mão nas costas o tempo todo.*

ri,

então era isso.

expliquei, revigorada, que vez em quando eu sentia uma dor na lombar.

— *menina. você precisa mover o corpo* — ele disse, virando o conhaque.

e os adolescentes se levantaram, finalmente.

— *tchau, tchau* — disseram.

— *vão com Deus.*

não tinham consumido nada em duas horas, acho que nem tinham dinheiro pra isso. me assopraram beijos da rua.

— *viu, Julinha?*
— *o quê?*
— *você precisa mover o corpo.*
— *mas eu não paro um minuto!*
— *estou falando de exercício físico.*

fui preparar o cappuccino da mesa cinco.
— *sabe o que é bom?* — o Vegas disse, se levantando. — *pular corda.* — pegou um cigarro, colocou na boca

apoiou o corpo do lado de fora do Café.

abri a gaveta do caixa
observando a fumaça
do Vegas
como se ela pudesse me indicar
um caminho.

ele pediu para eu colocar o café e o conhaque na sua conta.

— *amanhã eu acerto sem falta.*
e seguiu
pela rua
com o seu tronco torto e o seu velho jeans.
era difícil imaginar aquele homem dando socos em alguém. pode ser que ele tenha esgotado toda a sua agressividade no ringue, ou talvez ele tenha sido sempre terno em seu íntimo, usou o boxe para fugir
deste mistério, o de ser alguém que se importa.

o dia foi passando mais rápido depois disso.

aos poucos, o Café se esvaziou
até que chegamos
no fim do expediente
a Dona Cíntia fechava o caixa
enquanto eu passava álcool
nas mesas
levantava as cadeiras, varria o chão.

já estávamos à meia porta
quando um rapaz entrou no Café.
eu ia dizer já fechamos
mas ouvi
a Dona Cíntia:

— *Filho!*

eles se abraçaram.

— *Júlia, este é o Ricardo.*
ele me estendeu a mão.
— *veio passar férias aqui* — a Dona Cíntia contou,
Sorrindo

e o seu afeto, de tão palpável, era quase um segundo filho.
— *que ótimo. aproveite a cidade, meu caro.*
— *para isso, vou ter que reaprender a andar por aqui, Júlia. Mãe, a senhora acredita que hoje mesmo acabei me perdendo pra chegar na casa do Adauto?*
— *dois anos fora é bastante coisa, querido.* — ela tocou no rosto dele

e eu voltei
pra limpeza
derrubei
uma cadeira.

— *desculpe* — eu disse

mas a Dona Cíntia não me ouviu.
estava concentrada
na presença do filho
ele, no entanto, me olhava de relance
enquanto dizia pra mãe que esse sentimento de terra estrangeira tinha lá as suas vantagens.

— *é como se eu olhasse pra certas coisas pela primeira vez.*
— *até pra mim?*
— (sorrindo) *pra senhora não tem como.*
— *você termina de fechar?* — ela me pediu, lavando as mãos.
— *podemos esperar, mãe* — o Ricardo disse. — *te damos uma carona, se você quiser, Júlia.*
— *eu moro aqui na rua.*
— *ela mora ali na pensão* — a Dona Cíntia explicou, ajeitando a blusa do filho. — *então você fecha tudo?* — ela repetiu, pegando a bolsa.
— *fecho, pode deixar.*

a Dona Cíntia se despediu de mim com um beijo na bochecha

e o Ricardo me deu um tchau com a palma bem aberta
a outra mão no bolso
da calça de alfaiataria.

antes de virar as costas e ganhar a Noite

ele me ofereceu, com seus lábios finos, o sorriso de alguém que não sabe, não faz ideia do que significa a palavra abandono.

estávamos nos aproximando do Natal

e nessa época a cidade finalmente se lembrava das próprias árvores.

é tempo de união, eu ouvia por toda parte, até o Beto Roberto, depois de uma ópera da Maria Callas, leu um poema que ele mesmo fez sobre o natal, e tudo isso seria ótimo, claro, se eu fosse uma dessas pessoas que caminham despreocupadas pela cidade em busca de um presente para o amigo-secreto.

no entanto, sendo quem eu sou e com a família que tenho: o natal era a data mais triste que o ano poderia me trazer.

e trazia

com as suas Ondas

os destroços que a todo custo tento lançar ao longe

e quando menos espero

eles estão de volta

aos pés da minha praia.

o que me deixou feliz foi que a viúva Argentina me convidou pra passar o natal com ela.

— *na sala de chá?* — perguntei, sorrindo.

depois expliquei que não podia deixar a minha mãe sozinha.

mas não foi isso que ela fez com você a vida toda? senti a viúva me dizer por dentro.

sim, respondi também por dentro

mas entre a minha mãe e mim existe uma diferença brutal, que é a Culpa.

pra piorar, a dona Vera me ligou perguntando o que eu queria comer na ceia.

bem, mãe, que tal uma salada? *estou tentando virar vegetariana.*

mas era mentira, eu não estava tentando virar coisa alguma

o fato é que

eu continuava não suportando

o gosto das carnes que ela preparava.

— *você sabe que pode contar comigo, não sabe?* — a viúva me abraçou.

— *me fala do seu marido*? — pedi, ainda em seu colo.

— (sorrindo) *do César?*

— *como ele era?*

— *Alto. voz grave, tipo Leonard Cohen.*

— (sorrindo) *nossa.*

— *ele tinha o coração do tamanho do mundo. era dono de uma padaria em Buenos Aires.*

— *verdade?*

— (assentindo com a cabeça) *me trazia pães e doces todos os dias.*

ela abriu a correntinha do pescoço, mostrou a foto.

— *que bonito.*

— *aqui ele estava novo.*

— *você sente muita falta?*

— *esta pensão tem me ajudado* — ela disse, ajeitando o meu coque. — *e a sua mãe, Júlia, ela trabalha*?

— *agora está aposentada. antigamente vendia perfume.*

— *e o seu pai, onde ele vai passar o natal*?

— *ele me disse que na casa de uns amigos, mas acho que vai passar com alguma mulher.*

— *ele nunca te apresenta essas namoradas?*

fiz que não com a cabeça.

— *e como você sabe que ele tem tantas?*

um morador da pensão passou por nós.

— *boa noite* — disse educadamente.

ficou no Ar um cheiro de tabaco.

— *esse aí é novo.*

— *escritor.*

— *Sério?* — me levantei.

— *foi o que ele anotou aqui na ficha*.

fiquei olhando

o caminhar daquele homem

até o perder de vista.

— *e você?*

— (despertando) *o quê?*

— *conta dos namorados pro seu pai?*

— *você sabe que eu não tenho namorado* — respondi, me virando pra ela.

— *terá algum dia. essas coisas acontecem na vida de todo mundo.*

— *Preciso subir* — avisei, beijando a sua mão.

cheguei no quarto animada
tirei a bota, me joguei na cama.

bem, então quer dizer que
nós temos um escritor aqui na casa?

Sim,
nós temos um escritor aqui
na casa.

abri meu diário,

reli o trecho que eu tinha escrito.

nada mau, pensei clicando na caneta.

e Continuei:

Depois que apanhou do tio, Ed se trancou no quarto. O lugar era um cubículo fedorento, ninguém se dava ao trabalho de trocar aqueles lençóis. As paredes pareciam ter boca, comiam o espaço, e o ventilador quebrado de dentes azuis de alguma forma piorava tudo.

O garoto deitou na cama, o corpo pulsando. Tentou se lembrar do motivo da surra, eram tantas e cada vez mais frequentes que as razões se perdiam no tempo. Ah, sim. Seu tio lhe bateu com o

cabo da vassoura porque achou que ele não tinha limpado a varanda. Sua mãe preparava o jantar como se nada tivesse acontecido, o silêncio dela era cortante, frio. No entanto, e é importante observar esta mudança, durante a surra Ed não chorou. Agora, sozinho no quarto, ele percebeu que apanhar lhe doía cada dia menos, seu corpo estava ganhando resistência. Sorriu, orgulhoso, afinal não era pouco o que ele tinha que suportar. Ficou olhando para o teto encardido, escutando ora os roncos do seu estômago, ora os barulhos de panela na cozinha. Por onde será que andava o seu velho pai? Será que algum dia ele volta? De repente o garoto escutou o rádio na varanda. Imaginou seu tio sentado na cadeira de balanço, bebendo uísque como se fosse um rei.

Morra, Ed pediu cheio de fé. Morra, e depois adormeceu.

outro dia passei na frente do Sebas e o Maurício correu pra me alcançar.
— *faz tempo que o seu pai não vem aqui*.

e como eu entendia aquela preocupação.
quando o Vegas não aparecia ou se atrasava
meu olho não saía da rua
e qualquer pessoa vagamente parecida com ele
já me criava alguma expectativa.
quando ele ficava silencioso demais em sua mesa, eu
silenciava também
no balcão.
reagia
aos seus estados de espírito
como se ele fosse um velho amigo
e era, apesar de nunca nos encontrarmos fora do Café. eu não sabia onde ele morava, como era a sua vida longe dali, se existia mesmo uma vida ou se o relógio simplesmente pingava
as suas gotas
de petróleo e
pra não enlouquecer ele corria
até o Café, passava a tarde toda lá.
com os outros clientes eu também me preocupava.

guardava seus hábitos, cuidava de seus gostos. a ideia era que o tempo que passassem ali, com a gente, proporcionasse leveza e por isso força para suportar o que viesse no decorrer das horas, de bom ou mau, não importa, todas as situações que vivemos têm seu peso

e sua sombra, ainda que sejam magníficas.

— *entendo a sua preocupação, Maurício*. — coloquei a mão em seu ombro. — *mas parece que o meu pai está em uma nova fase agora, mais introspectiva.*

— *eu sei. ele está fazendo umas esculturas, não é?* — sorriu

concentrei a minha atenção nas linhas

que se formavam na pele de seus olhos.

elas pareciam cada vez mais fundas, desciam para a bochecha como um rio.

o curioso é que o Maurício era jovem, talvez só um pouco mais velho do que eu. mesmo assim, o Tempo já estava deixando suas marcas naquele rosto

— *preciso ir* — avisei

me Afastando. — *e não se preocupe, meu pai está bem.*

combinei de passar na casa do meu pai

pra pegar a corda que ele me trouxe lá da loja de material de construção.

aí você aproveita pra conhecer as esculturas, me disse por telefone

e antes de aceitar

o convite

meu pai teve que insistir bastante, quase me perguntou qual era o problema, não o fez porque no fundo sabia

muito bem qual era o problema: em sua casa, não teríamos os nossos estranhos para nos acompanhar.

de qualquer forma, acabei cedendo.

disse que ia na quarta, pela manhã, porque depois eu precisava devolver uns livros na biblioteca, mas

era mentira

e pensar

na tal visita

me fez revirar na cama

a noite toda

sonhar com

saltos

no trilho do metrô.

pensei em anotar esses sonhos logo que acordei.

mas eu não queria olhar pra eles novamente, então

levantei da cama, lavei o rosto. vesti um jeans, uma camiseta e calcei a bota.

desci as escadas

dei

bom-dia pra viúva na recepção

de longe, assoprando um beijo

e ganhei

a rua

caminhei

até o ponto de ônibus, estava com os olhos encaroçados de tanto sono.

a casa em que meu pai mora é a mesma da minha infância.

a cozinha em que quase o perdi

ainda estava lá

também a madeira da sala, os poucos móveis

de convento ou pub, no entanto era tudo muito diferente agora, eu era Outra

ele

era Outro

e nós não parávamos de mudar, esse carrossel que é

a Vida, com os seus cavalos congelados em poses ternas, girando e girando no mesmo lugar

quando

saímos, por fim, da roda: onde é que está o mundo que a gente conhecia? ainda que ele esteja exatamente no mesmo lugar.

entrei no ônibus, sentei perto da janela.

quantas possibilidades de júlia eu perdi pelo caminho

para me transformar nesta Júlia que sou agora?

em alguns pontos, sei que sou melhor, sinto que estou mais forte, tenho amigos, um emprego, meu Quarto de pensão.

mas em outros sou

pior, bem pior, em cada surra que levei ficou no chão um pedaço de mim.

é diferente do Vegas

que escolheu apanhar como ofício

e se preparou apaixonadamente

para revidar, em algum momento, os socos que tem levado pela vida.

desci do ônibus.

caminhei até a casa do meu pai.

quando cheguei no portão acabei sorrindo: ele não colocava aqueles enfeites de natal em nenhuma árvore.

bati na porta, pai, eu

te amo

— *desculpa o atraso* — eu disse quando ele abriu.

o curioso é que meu pai estava se transformando

também no rosto, parecia abatido, mais magro

como um artista que se dedica sem descanso a um projeto que ele precisa terminar.

agora ele tinha até barba por fazer, mas não era só isso, seus olhos

andavam sempre marejados

como se tivessem descoberto onde dói

em si, no mundo

e agora não sabiam o que fazer com esse sangue, se era mesmo sangue

então ficavam assim
confusos, úmidos.

— *que bom que você veio* — ele disse. — *Entra.*

a mesa da sala
estava tomada pelo seu trabalho com argila.
eram Cabeças
por toda parte
sempre com a boca Aberta, o que esperavam?

beijos, talvez.

será que
sentiam dor?
uma única pose
era tudo o que elas tinham

por que criar uma imobilidade tão cheia de Vida, pai?

a casa dele tinha um cheiro inteiramente novo

que logo decifrei, era

barro depois da Chuva
e isso me fez até imaginar
uma praia
onde as pessoas pudessem ser livres perto do mar, andando na orla, à noite contariam histórias ao redor do fogo como uma tribo.

então meu pai me estendeu uma sacola,
Agradeci.
perguntei se lhe devia alguma coisa

ele disse que não, que aquela corda estava perdida
lá no fundo
do galpão, mas ele quis saber
o que me deu, *você nunca foi de fazer esporte.*

então eu contei do Vegas, longamente.

e o meu pai me disse que não conhecia o trabalho desse boxeador.
expliquei que o Vegas estava aposentado fazia anos
mas o meu pai retrucou que gostava de acompanhar o boxe desde menino, era algo que ele fazia no orfanato
e até aprendeu alguns movimentos com um padre jesuíta.
ele nunca tinha me falado nada sobre esse tempo.
fiquei morrendo de vontade de perguntar uma porção de coisas, mas eu também queria respeitar o silêncio dele.
então pensei nas telas de TV que meu pai assistia.
com algum esforço consegui visualizar
uma luta acontecendo
e também no jornal
que ele lia, por que será que eu nunca conectei o boxe com o meu pai?
— *qual é o nome dele mesmo, filha?*
— *Vegas.*

ele pensou um pouco.

— *não, eu*
realmente não conheço.

imaginei que
talvez

o trabalho do Vegas tenha sido tão local que

não era mesmo de se conhecer.

desde quando sabemos de todas as coisas que acontecem no mundo se mal sabemos o que se passa no fundo do nosso coração?

meu pai me perguntou se eu queria um café.

— *não, obrigada.*

— *e o que você achou das esculturas?* — ele se aproximou da mesa. — *estava trabalhando nesta agora mesmo.* — alisou a argila.

— *eu adorei o cheiro que ficou na casa.*

— *mas e a forma? o que você está achando do formato, da expressão?*

— *muito bonitas, pai. elas são variações de uma mesma pessoa, não é?*

— *de uma mesma pessoa?*

— *sim, me parece uma tentativa de captar as emoções da personagem em diversos momentos, ainda assim o senhor não pretende resolver nada, respeita o Mistério, então essa personagem ao mesmo tempo que é próxima, também simboliza aquilo que é inalcançável.*

— *nossa. que bonito, filha. eu nunca pensei dessa forma.*

— *e no que o senhor pensa quando está trabalhando?*

— *bem, a verdade? a verdade é que eu não penso em nada, Júlia, em Nada, e meu Deus, como isso é libertador.*

continuamos conversando

por Horas, ele me perguntou até se eu tinha um sonho.

— *Sonho?*

— *é, um desejo de profissão.*

— *eu gosto de trabalhar no Café.*

— eu sei, filha. mas é o que você quer fazer por toda a vida? não há problema algum se for, não me entenda mal. também sei que é difícil pensar na vida toda sendo tão jovem, mas, em algum momento você precisa se fazer essa pergunta.

então meu pai olhou

no relógio.

— filha, os livros!

— o quê?

— você precisa devolver os livros.

— ah! claro. é mesmo, Pai.

a Dona Cíntia me avisou que sairia mais cedo do Café, precisava fazer suas compras de natal.

— *você fecha pra mim?* — sua frase de sempre.
— *a senhora sabe que pode contar comigo*. — minha frase
de sempre, nas repetições é que se instalam
os afetos cotidianos.

então ela me deu um beijo
na bochecha, retribui fazendo um bico

e a vi partir, a bolsa no ombro

agora que o Ricardo voltou ela estava muito bem.
não era difícil perceber que a luz de seus dias
era o filho
o que eu acho doloridamente belo (inviável, se transposto para a minha vida) e um pouco perigoso também, afinal
logo ele voltaria para a França
talvez nunca mais morasse definitivamente aqui.
penso que, depois das festas, a Dona Cíntia vai sentir mais a falta dele
porque teve a sua presença por semanas.
lembrei do olhar que ela deu para o Ricardo no dia em que eu o conheci.

minha mãe nunca me olhou daquele jeito, ela não tinha orgulho de mim.

pelo contrário, queria me esconder toda vez que alguém estava por perto. quando a visito

e a sua nova vizinha, a Clotilde, bate na porta

pra entregar

um pedaço de bolo

ou pedir açúcar

a minha mãe Alarga o corpo

pra que a sua amiga não me veja

e ainda assim a Clotilde faz questão de me cumprimentar: *oi, Julinha*

e acena

o que me faz

adorá-la e odiá-la, porque

sei que ela gosta de mim, ao mesmo tempo que também Sei: o fato dela ter usado o meu nome no diminutivo vai fazer a minha mãe me tratar rispidamente pelo resto da visita.

quando alguém me elogiava na sua frente, nossa, ela fechava a cara de um jeito.

era como se dissesse: a Júlia não é tudo isso, não.

uma vez, ela conheceu uma moça na feira

que a ajudou com as sacolas

me contou isso enquanto tomávamos um café.

então ela comentou, por cima da xícara: *a moça era mais bonita do que você.*

e me Doeu tanto ouvi-la dizer isso!

não pela beleza da moça, imagine, o que me devastou foi o prazer que senti escorrer de sua boca

foi quando o

Ricardo?

adentrou o Café.

abaixou o corpo igual naquele dia, achei que eu estava tendo um déjà-vu.

apertei os olhos, mas
a calça era outra

ele me perguntou se eu lembrava dele.
— *é claro que eu lembro.* — sequei as mãos. — *aconteceu alguma coisa?*
— *não, não. é que eu tava passando aqui na rua e… você quer uma ajuda?*
— *não, imagine.*
— *quer que eu leve essas caixas lá para dentro?*

ele foi levando
e até que isso não foi mau.

o Ricardo era um rapaz alto, vívido. estou certa de que uns óculos redondos lhe cairiam muito bem.

quando terminou com as caixas, acendeu um cigarro. perguntou se eu queria uma tragada
expliquei
que não fumava.
— *adquiri esse hábito nos pátios da universidade* — ele contou
soltando a fumaça

gostei dessa palavra na boca dele, *Pátios.*

— *quer beber alguma coisa?* — me perguntou

e eu que estava do lado de dentro do balcão senti vontade de rir.

— *alguma coisa está fora da ordem* — cantei
me virando pra guardar os copos.
fora da nova ordem mundial, cantarolei por dentro
enquanto sentia o olhar dele percorrer
o meu corpo

Estremeci.

— *puxa um banco, Júlia. ou você tem algum compromisso agora?*
— *não, não, só preciso fechar o Café.*
— *daqui a pouco você fecha, então. senta. espera, antes pega aquela garrafa ali, a da direita.*
— *esta?*
— *a outra. isso. traz um abridor também. e dois copos, por favor.*

olhei pra ele por cima do ombro.

— *Relaxa* — ele disse
dando as cartas não só ali
mas
em todos os lugares por onde passava, isso era certo.
me sentei.

estávamos separados pelo balcão. achei que ele me pediria: vem aqui do meu lado
mas deve ter achado cedo, ainda bem.

ele encheu as taças.

— *me conta um pouco de você.* — pediu.

coloquei o pano de prato no balcão.

— *de mim?* — apoiei os cotovelos. — *bem, é você quem deve ter uma porção de boas histórias.*

brindamos.

— *todo mundo tem uma boa história.* — ele apagou o cigarro. — *posso tentar adivinhar a sua?*

— (divertida) *vá em frente.*

— (falando pausadamente) *teu sonho é ser atriz.*

— (rindo) *por que atriz?*

— *elas costumam ter essa presença luminosa.*

— *eu é que pensei que você era ator.*

ele riu.

— *sério.* — baixei os olhos. — *não, na verdade eu… não sei, se for pra sonhar? bem, eu queria mesmo era ser escritora.*

— *queria? ou Quer?*

dei um gole no vinho.

— *e o que você escreve?*

— *eu tenho um diário. há bastante tempo, na verdade. mais recentemente eu comecei a escrever uma história nele.*

— *uma nouvelle?*

— *um conto.*

— *ah! é sobre o quê?*

— *bem.* — suspirei. — *é sobre um menino que mora no campo com o tio e com a mãe. o pai está desaparecido. e ele tem uma vida conturbada em casa, é um garoto muito sensível. quer ser alguém, mas ainda não sabe como.*

— *olha só. parece ótimo.*

mordi os lábios.

— *eu posso ler um dia, se você quiser. tive algumas aulas de literatura na universidade.*

— *você estuda na Sorbonne, né?*

— (apertando os olhos) *Sim.*

— *qual é o seu curso?*

— *filosofia.*

— *não! sério?*

— *sério, claro. por quê?*

— (visivelmente exaltada) *é o curso que eu queria fazer.*

— *vou te trazer uns livros, então.*

— *não, não, imagine. não precisa se preocupar.*

meu coração batia forte.

— *e como é morar em Paris?* — apoiei uma das mãos no queixo.

— *é uma cidade maravilhosa, merece a fama que tem. mas confesso que às vezes me sinto um pouco solitário, especialmente quando chove. depois passa. Paris é uma cidade cheia de vida, ela te tira para dançar o tempo todo.*

— *que bonito.*

— *você vai ver.*

— (sorrindo) *como assim?*

— *no dia que você for pra lá.* — acendeu outro cigarro. — *ainda mais sendo escritora.*

e seguimos

na trilha

da Conversa

o Ricardo era doce, mais do que imaginei.

dava pra entender por que a Dona Cíntia era louca por ele. eu mesma já estava ficando

com saudade

daquela Noite, divagamos sobre

Música, indiquei o programa do Beto Roberto, ele anotou em um caderno cinza. me explicou que andava sempre com ele, porque a sua memória era bastante inventiva. disse também que a presença de outras pessoas não lhe era fundamental, embora gostasse de ter amigos.

— *te entendo.*

— *ah, e tem também os cafés!*

— *os cafés!*

— *são muitos, e as mesas ficam todas na calçada.*

— *eu já vi nos filmes.*

— *com toldos vermelhos, o nome do lugar em dourado…*

— (sorrindo) *aham.*

— *Lá as pessoas leem jornal, livros, discutem política, filosofia, isso o tempo todo. não são alienadas, elas lutam pelo que acreditam.*

— *e aqui não?*

— *aqui também, claro. mas aqui é a minha casa, então eu percebo menos.*

foi quando caímos

em um silêncio que

tinha tudo para se tornar constrangedor, mas não foi o que aconteceu.

a pausa

se revelou um momento prazeroso

e até natural.

logo ele vai embora, Júlia

mentalizei

na calçada

enquanto nos despedíamos
com um aperto de mão que
acabou virando um
A b r a ç o.

Ed acordou num salto. Esfregou o rosto, abriu bem os olhos. Sonhara algo inconcebível, que o seu tio e a sua mãe eram amantes, a boca do garoto estava seca de tanto susto e horror. Saiu do quarto com cuidado, o corredor escuro. Foi até a cozinha, colocou o copo debaixo da torneira do filtro. Bebeu aos poucos, seu coração de ave ainda se debatia no peito, o sonho tinha sido muito real. Ed sentia medo até de passar na frente do quarto da mãe, para conferir se ela estava mesmo lá. De todo modo, ainda que estivesse em sua cama dormindo o sonho dos anjos, isso não provaria muita coisa, é claro que não. Ele guardou o copo usado no armário. Voltou para o quarto na ponta dos pés. Estava cansado de viver assim, em suspenso. O medo constante, as surras, o silêncio conivente da mãe. Por que ele simplesmente não dava o fora? Sério. Ele poderia pegar um trem rumo à cidade grande. E ser feliz, por que não? Ou tentar, não há problema nisso, tentar é ter alguma esperança e ali não havia nenhuma. Além do mais, além do mais, o que de pior poderia lhe acontecer na cidade que já não lhe acontecia dentro de casa? Ele tinha aprendido a Apanhar, e isso não era pouco, tem gente que não faz ideia de onde guardar o ódio depois de tudo, o menino sabia que era no forno, e o que deixaria para trás? A mãe, no máximo. Pois que deixasse, tanto silêncio assim em uma pessoa não está certo. O garoto se levantou da cama. Com a coragem renovada, pulou a janela do quarto. Antes de começar a correr, olhou para a sua casa pela última vez. Lembrou do blues que seu pai cantava no milharal e atravessou a noite, rumo à estação. Gritaria, se pudesse, gritou por dentro e a sua coragem cresceu.

bateram na porta do Quarto.
— *já vai.*

deixei meu diário na cama

abri

— *bom dia* — a viúva disse, carinhosa. — *tem um rapaz na recepção, ele quer falar com você.*
— *um rapaz?*
— *disse que se chama Ricardo.*
— *ah! é o filho da Dona Cíntia* — expliquei, não sem surpresa.
— *está te esperando* — ela avisou

descendo as escadas
com um sorriso quase imperceptível no rosto.

fechei a porta.

coloquei meu jeans, uma regata e a bota, ainda que fosse verão.
o que será que o Ricardo veio fazer aqui? bem hoje, na véspera do natal.
me olhei no espelho
eu estava um desastre
procurei
um batom ou
qualquer coisa pra usar
no rosto, não achei
nada
dei umas beliscadas na bochecha
tentei ajeitar
o cabelo

abandonei o espelho e

desci as escadas

o Ricardo estava sentado no primeiro degrau.
tinha uma mochila nas costas e vários livros na mão.

— *Oi.*
ele se virou. deve ter levado um susto. aquele dia no Café estava escuro. nos dois dias estava escuro. nossa, como eu odeio ser feia assim, na cara.
— *feliz natal* — ele disse, me entregando a pilha de livros.
— *caramba. feliz natal pra você também.*
— *são todos de filosofia e literatura.*

!

— *Ricardo, muito obrigada.*
— *escolhi os que pensei que você pudesse gostar. tem um aí que é matador.*
— *qual?*
— Cartas a um jovem poeta*.*
— *eu conheço, é realmente lindo. mas, sério, não precisava se preocupar.*
— *é um prazer.*

senti uma
vertigem. apoiei as costas na parede discretamente.

— *escuta.* — ele disse. — *eu estou de moto, não quer dar uma volta? a cidade está muito bonita.*
— *agora?*
— *agora, claro! você tem algum compromisso?*

— *puxa, na verdade eu… tenho, sim, umas coisas pra resolver.*

— *depois você resolve.*

— *é, Júlia, depois você resolve* — a viúva disse atrás do balcão da recepção.

— *não, eu… eu realmente preciso resolver agora.*

— *tem certeza?* — ele afastou o corpo pra mostrar a moto. — *é uma Harley.*

— *não vai dar. mesmo, tá? me desculpe.*

— *bem, você que sabe.* — ele colocou o capacete.

me deu uma última olhada

depois subiu
na moto

Acelerou e

como eu entendia a Dona Cíntia agora!
o que era o mundo quando o Ricardo não estava?

— *por que você não foi?* — a viúva me perguntou,
Desconcertada.

olhei pra ela com ternura.
— *não sei,* eu*. não sei.*

Véspera, uma palavra que coloca
todo o seu coração no que virá.
quase posso tocar a sua pele de animal pequeno
que prepara o público
para a chegada do grande Animal
a qualquer momento, agora:

música
nas casas, luzes
na praça:

Véspera e

eu bati na porta
de mais um natal ao lado da minha mãe.

enquanto esperava ela me atender

percebi que o meu cheiro se acentuava, asas que crescem,
minhas penas ofertadas
para a antiga dona Vera vendedora de perfumes. foi algo que ela
fez depois do divórcio
e agora se sentava na calçada
só para sentir
a dama da Noite

plantada na fronteira de sua casa com a da Clotilde.

me preocupo com a senhora, mãe, e se vem um carro?

ela me respondeu que se vem um carro é porque chegou a hora dela

e o que seria perder a minha mãe?

não é a mesma coisa que perder uma boa mãe
perder a minha
seria uma dor e um alívio cheio de culpa, então
até o alívio
se transformaria em Dor
e eu teria que me acostumar
com as minhas cicatrizes
órfãs de seu carrasco.
— *Mãe?* — bati na porta novamente

vi seu corpo se aproximar
de camisola, será que ela desistiu do natal?

abriu pra mim
não sem antes virar a chave diversas vezes.

há muito que perdemos o hábito de nos presentear
no entanto, naquela Noite
isso de alguma forma me pesou.
pensei em um
abraço? mas as nossas distâncias eram tão longas não a alcancei.

então imaginei uma flor

nas minhas mãos

e não é que ela entrou no jogo? recebeu
pelo caule
com volume e cheirou.

— *feliz natal*. — entrei

e ela me disse que a Clotilde tinha viajado.

não vi mesa posta
em lugar nenhum.

— *onde vai ser a nossa ceia?*
— *onde você quiser* — ela respondeu com um sorriso.
o que tramava? por que estava sendo tão gentil?

— *vou colocar na mesa da cozinha, então* — eu disse

estiquei a toalha xadrez que estava na segunda gaveta

Voaram

ciscos de pão.
— *desculpa, eu não fazia ideia de que a toalha estava suja.*

era quase inacreditável que estivesse suja
mas a minha mãe não ficou brava
a notei distraída, olhando o quintal.

varri
a chuva de pães antigos.

o que será que estava acontecendo com ela? Cansaço?

— *a Clotilde me trouxe um bolo.*

— *que bom. estava gostoso?*

— *ela sempre me traz um bolo.*

— *fico feliz que a senhora tenha uma amiga.* — me aproximei. — *vamos comer?*

— (ainda olhando o quintal) *Sim.*

então ela

abriu o forno

tirou de lá um

Chester

— *mãe, eu não falei pra senhora?*

— *o quê?*

— *que eu estava tentando parar de comer carne.*

— *Júlia, desculpe, eu… Esqueci.*

sentamos caladas na mesa.

comemos e comemos

mas a carne parecia não ter fim

e talvez o inferno seja isto: uma cena que se repete pelos séculos.

depois do jantar

ficamos assistindo a um show de natal na TV, mas

os cantores

não estavam cantando de verdade, *cadê a banda?*

e o rosto da minha mãe emanava uma luz angelical.

olhei no relógio.

— *preciso ir* — avisei, me levantando. — *meu ônibus só passa até as onze.*

— *por que você não dorme aqui?* — ela propôs.

e foi estranho, minha mãe nunca me convidou para ficar depois que eu me mudei.

— *não, não. eu vou pra casa.*

casa.

— *feliz natal, mãe.* — beijei
a sua testa

ela ficou imóvel
assistindo ao show

enquanto eu fechava a porta
sem barulho, minha mãe odiava os meus barulhos.

caminhei
pelas ruas da cidade
que agora era toda por dentro das casas luminosas.

cheguei no ponto
e quando o meu ônibus apareceu

o deixei partir

subi em outro
que me levaria
até a casa do meu pai.

é natal, pensei.

e ainda que ele estivesse acompanhado, eu
pediria licença
pra Ela
está na hora de
abraçar o meu velho, gostaria também de saber se as esculturas avançaram
e
talvez
talvez meu pai esteja tão sozinho quanto eu.

desci do ônibus,

ventava.

na rua dele eu vejo carros
de polícia
a sua casa
interditada

Atravesso

as pessoas
os cones
as cordas

um policial me impede
é a casa do meu pai, grito
Sérgio Terra, Sérgio Terra é o seu pai?
é a casa do meu pai!, repito

o mesmo policial tenta
me conduzir
pelos ombros

Escapo

ele quase
me pega
no colo

Xingo

ele avisa

que a filha chegou.

estamos dentro de uma ambulância agora

que Sede

alguém tira

a minha pressão e o policial me diz, lentamente, a boca larga, *e u s i n t o*
m u i t o

e eu pergunto
pela décima vez o que está acontecendo
pela milésima vez
o que está Acontecendo, *pelo amor de Deus gente, cadê o meu Pai?*

Escritora

sonhei que um desconhecido me cercava com madeiras, pra me incendiar.

minha mãe estava presente

na sala

mas não movia

um dedo

você viria me salvar se eu fosse o Sérgio, gritei.

ela me deu uma chinelada

na boca

que ardeu como se o meu rosto já estivesse em chamas.

então o Chinelo começou a percorrer

o meu corpo

me fazendo sentir um prazer

imensurável

a minha mãe ria, gargalhava

Acordei

desesperada, ainda bem que

as Esculturas do meu pai estão aqui, comigo.

levantei da cama, tomei água da pia.

tenho sonhado muito
com a minha mãe
mais do que gostaria de admitir.
contar pra ela
da morte do meu pai
foi a coisa mais difícil que fiz na vida, ela simplesmente não acreditava em mim.
disse que eu estava inventando histórias, que o meu lugar era na boca de um animal faminto
depois ela veio
pra cima de mim, segurei seu Corpo
Avisei, e os olhos dela cintilavam: *o enterro é amanhã.*

então ela abaixou a mão lentamente

se afastou, desnorteada

não foi
ao enterro

nunca mais tocou no assunto.

no Velório

a viúva Argentina não soltou da minha mão.
perguntei
em seu ouvido: *como você conseguiu sobreviver à morte do seu marido?*

e ela me disse que eu usei a palavra certa, Sobreviver.avisei do acontecido no Café
mas ninguém do café apareceu.

no salão da morte
estavam os amigos da loja de material de construção
e outros
que eu não conhecia, todos lamentando
o Ocorrido
me dando
beijos
na bochecha, apertos
de mão.
— *que Tragédia, menina. eu sinto muito.*

todos nós
sentimos muito
e ainda assim não há nada que possamos fazer.
— *seu pai foi um grande homem.*
— *seu pai foi um homem bom.*
— *vão pegar*
o Desgraçado.
— *não dá*
pra ter sossego.
— *nem mesmo*
na própria casa.

não vi

a mulher de vestido de ouro, vi outras
vestidas de negro e

eu ficava olhando

pra porta constantemente

— *filha,*
você tá esperando alguém? — a viúva me perguntou.

passei no Sebas em uma noite

pra avisar o Maurício

do meu pai.

ele ficou arrasado com a notícia. disse que gostava muito do velho.

— *eu sei. por isso vim te contar*.

— *mas o que aconteceu, Júlia?*

— *seu turno já tá acabando, não tá?*

ele fez que sim com a cabeça.

— *vamos dar uma volta?*

percebi que o Maurício estranhou o meu convite.

não éramos amigos

e eu costumava ser evasiva com ele, acho que nunca ficamos sozinhos por mais de dois minutos.

acontece que

com a morte do meu pai

não sei, algo mudou em mim

eu ganhei o Impulso

das crianças corajosas

no parque

compreendi o óbvio (sempre ele)

que podemos morrer a qualquer instante

e enquanto caminhávamos
até o Patterson
o Maurício de cabeça baixa
eu olhando a Rua
contei
do Assalto, que meu pai devia ter ficado tão
surpreso que
acabou reagindo.
ele perguntou se eu sentia raiva, mesmo depois de tantos meses.
expliquei, e as minhas mãos se mexiam mais que a boca,
expliquei que
àquela altura a única coisa que eu cultivava
era a Saudade
e também uma sede
de vida, já que na última vez que vi o meu pai ele estava
correndo atrás dos seus sonhos, tentando algo novo, e eu
gostaria de fazer o mesmo por mim.
seguimos em silêncio
até o pub.

quando entramos, estava tocando Lou Reed e eu não pude
deixar de sorrir.
— *meu pai adorava esse som.*
— *eu sei. às vezes eu colocava no Sebas pra ele.*
— *não vai me dizer que vocês dançavam.*

ele riu.

nos sentamos no balcão.
pedimos as nossas cervejas
Bebemos
uma atrás da outra

pelo meu Pai, por Nós.

foi quando o Maurício me contou que tinha um filho.

— *não brinca. ele mora com você?*

— *com a mãe.*

— *hum. eu sei como o seu garoto se sente, também sou filha de pais separados.*

— *eu também!*

— (sorrindo) *e quem não é? o amor entre duas pessoas está fadado ao fracasso.*

— *é uma visão um tanto pessimista das coisas, não acha?*

levantei o copo.

— *é a Vida, meu caro.*

— *escuta, você precisa voltar pra casa agora?* — perguntei depois de um tempo.

— *não. por quê?*

— (pagando a conta) *é que eu tive uma Ideia.*

nos levantamos. peguei a sua mão, estava um pouco fria.

— *não solta.*

— *é uma ordem?*

Corremos

pelas ruas, o vento de fim de inverno cortava o nosso rosto
e as pessoas abrindo espaço
pra gente
decerto se perguntavam por que corríamos tanto.
— *estamos fugindo da Morte, senhoras e senhores!*

o Maurício ria

— *eu não sabia que você era tão louca.*

— *Nem eu.*

chegamos suados e
barulhentos na
pensão.
a viúva nos espiou da sala de chá
dei-lhe um tchau
com os dedos.

subimos as escadas.

entramos
no Quarto

— *essas esculturas. elas são do seu pai?*
— *Aham* — respondi, alcançando
a boca dele

o Maurício lambeu
meu peito
com tanta Sede que
de repente me descobri belíssima como sonhei antigamente. fui beijada por todos os cantos
língua de vassoura pela casa e eu beijei
todo o sal e todo o pelo
cada pinta
e cada veia
foi quando
Desapareceu de mim
a pequeníssima pele
entre as pernas
tão transparente quanto as asas de um inseto.

Sangrou,

como sangram todas as perdas.

o Maurício me lambeu
a boca de baixo
me levando às alturas de um edifício antigo

e quando voltou
ao meu rosto

seus dentes estavam sujos
de sangue
as rugas mais fundas
na sombra
e eu pensei, sorrindo, que a Morte sempre dá um jeito de nos encontrar.

enchi o copo do Vegas
que me pediu a quinta dose
ele também
estava passando por uma fase difícil
se apaixonou por uma mulher que não o queria.

— (choroso) *sinto muito pelo seu pai*, *Julinha.* — estava sentimental como o diabo, misturava todos os assuntos
e quando eu comentei que já estava me sentindo
melhor

ele então voltou a reclamar do amor.
fiquei com vontade de
fazer a Pergunta
assim, à queima roupa: Vegas, você foi mesmo um boxeador?
— *será que é porque sou feio? Hein, Julinha?*
— *o quê? você não é nada feio* — eu disse lhe entregando

outro conhaque

ele me sorriu sem esperança.
disse que estava farto, farto de ser para as mulheres um coração em que elas podiam se deitar
e depois que se fortaleciam

ele via seus corpos sumirem na praça com belos vestidos, quase sempre de mãos dadas com um novo amor.

— *ela sabe que você foi pugilista?* — tentei.

— *menina, menina. eu te juro que apanhei menos em qualquer ringue da cidade do que nos braços dessa mulher.*

passei a mão em seu cabelo, ele encostou a cabeça na minha cintura.

não, é claro que eu não perguntaria nada. que direito eu tinha de invadir a sua história, mesmo que ela fosse uma mentira?

ficamos assim, admirando o Cair da tarde.

sabíamos que a vida
ainda que fosse a nossa maior ruína
era também a nossa única salvação.

a Dona Cíntia era outra que não andava nada bem.
sentia muita falta
do filho
mas pelo menos agora ele lhe escrevia cartas
que ela carregava
pra cima
e pra baixo. depois de ler pela vigésima vez, lágrimas nos olhos, enfiava os papéis dentro do sutiã.

confesso que
vê-la
nesse ato

sempre me dava
alguma esperança

quem sabe um dia
o Ricardo

me escreva uma linha também.

quando cheguei no cemitério, seu Farias o porteiro, me disse:
quem dera todo mundo tivesse uma filha como você.
acenei pra ele, pobre homem, não sabe que venho aqui muito mais por mim.

o túmulo do meu pai fica perto da entrada, é só virar
à direita

e seguir em frente por um corredor de estátuas melancólicas.

ao longe, um senhor lavava o muro com mangueira
motos do lado de fora soltavam o escapamento
um ou outro grito de criança
à vida. a vida.

me sentei no túmulo.

fiquei olhando a Foto do meu pai em preto e branco
depois abri
o diário
eu estava fazendo isto
lendo
pra ele
uns trechos da história de Ed

e sempre parava em um momento decisivo.

acho que estava fazendo bem pra nós dois.

antes de começar a leitura

pensei que na verdade não era só o meu pai que me ouvia, mas todos os túmulos próximos.

o bom é que na condição em que se encontravam (ou não se encontravam? será que debaixo da terra os mortos fazem uma festa que ninguém vê?) já não podem reclamar.

comecei:

Amanhecia quando Ed chegou na estação. Minutos antes, ele tinha entrado sem roupa em um rio, para lavar o corpo, e agora precisava de dinheiro para comprar o seu bilhete. Pensou que poderia se oferecer para limpar a estação, o problema é que esse trabalho demoraria uma eternidade e ele não tinha tempo. Imagina se o tio inventasse de procurá-lo?

Foi quando o garoto teve uma ideia. Ele pegou no chão uma folha bem larga e foi se instalar em lugar movimentado. Posicionou o corpo e começou a cantar a única música que conhecia. Era sobre a terra e os olhos da mulher amada, seu pai costumava cantar esse blues enquanto trabalhava no campo com uma voz triste e profunda, como devia ser.

Ed era afinado, intuitivamente sabia disso, ainda que aquela fosse a sua primeira vez de voz no mundo. Ele tinha um timbre tão terno aos doze anos que isso conquistaria o coração das pessoas, porque falava diretamente com os meninos que moravam no coração das pessoas.

“Como chama essa música?”, uma mulher perguntou para um homem ao lado dela.

“É uma canção da guerra”, explicou outro homem. “Os soldados costumavam cantar esse hino quando tinham a sorte de voltar pra casa.”

As pessoas começaram a depositar moedas na folha de Ed, começaram a se aproximar e a olhar para o rosto da música que

ele estava cantando. No fundo, toda gente só queria mesmo era suspender o tempo, e por que não? Voar um pouco, esse poder de gelo e asa que arte sempre tem. O menino trabalhou por quarenta minutos para um público itinerante do entra e sai dos trens. Nos intervalos:

"Que música é essa?"

"Triste, mas doce também."

O menino ouviu os últimos aplausos, ofegante, e inclinou o corpo para agradecer. O público foi se dispersando, emocionado. Ed guardou as moedas no bolso. Depois correu até o guichê, pra comprar o seu bilhete.

"O trem para a cidade grande já está partindo."

Então ele correu pela plataforma, mostrou o tíquete para o rapaz de quepe. Ainda ofegante, sentou no banco de número doze, assento na janela. Seu vagão não estava cheio e ao seu lado não tinha ninguém. Sorriu quando a máquina começou a se movimentar. Escutou o barulho, se espantou com a fumaça. Um trem, meu Deus, algo em que ele tinha se imaginado dentro apenas em seus sonhos. As árvores foram ficando para trás, outras iam chegando, e de repente Ed pensou na sua mãe. Teve um pesadelo, e isso era tudo. Sua hora de sonho sempre fora bastante vívida, se confundindo com a linha do real, talvez porque seus dias eram pálidos, não sei. O fato é que ele devia ter trazido a mãe junto, mas toda vez que tentava conversar com ela parecia que a mãe tinha sido engolida pelo silêncio e isso causava muita dor no garoto, dor e afastamento. Rumo à cidade grande, Ed pensou. Pois que fique mesmo tudo para trás, o trem tinha uma velocidade perfeita para isso, era rápido a ponto de deixar Ed seguro de que seu tio jamais o alcançaria, ao mesmo tempo que dava para apreciar bem a vista.

foi quando eu ouvi

um aplauso

?

— *é teu?* — me perguntou uma senhora.

— Sim.

— no fundo, toda gente só queria mesmo era suspender o tempo, e por que não? voar um pouco. isso é muito bonito, menina. muito bonito.

acompanhei o seu corpo se afastando

pela rua de estátuas que

engraçado

não me pareciam mais tão melancólicas. de repente elas ganharam contornos celestiais.

na sala de chá eu contei pra viúva
isto
que guardo há tanto tempo, estávamos deitadas
no tapete
contei
num sussurro: *acho que*
tem uma escritora aqui, dentro de mim.
e Ela, sem surpresa

— *não, Júlia. o que tem aí é uma artista.*
— *uma artista? não, não. artista eu não sou.*

e expliquei da dança
que fui expulsa, que tenho pedra
no lugar de pé, que
já desenhei em sulfite o irmão que eu gostaria de ter

e ela
— *não, não. você é uma Artista. pode voar, se quiser.*

e o meu sorriso escutando
então ela me contou o que sabia
do tal escritor que vive aqui na pensão.

— *ele se chama Fernando Peixoto. passa Horas trancado no quarto, é um doce, claro, você viu naquele dia. mas tão silencioso… nossa.*

— *ele deve usar tudo o que tem nos livros.*

— *será?* — ela disse, se virando

e eu vi a ponta
da sua tatuagem
entre os Seios.

ela percebeu o meu olhar.

afastou
o tecido da pele,

era o rosto
de um Marinheiro

— *não me casei com o amor da minha vida, Júlia.*

a confissão da viúva não saía mais da minha cabeça.meu Deus, por que sempre vamos adiando as melhores coisas da nossa vida?

peguei uma folha no diário.

escrevi, quase sem pensar:

Caro Peixoto,

Imaginei que o senhor talvez pudesse me ajudar. Me chamo Júlia Terra, sou sua vizinha, moro no quarto 31. Um dia, eu estava conversando com a viúva Argentina na recepção e o senhor passou flutuando. É um escritor, ela me disse, e fez todo o sentido, quem usa as palavras no papel vai ficando mesmo cada vez mais leve. O que preciso confessar: também escrevo, sou uma iniciante. E é claro que o senhor não me deve nada, não nos conhecemos, digo isso porque entendo perfeitamente caso o meu convite não seja aceito, e seguiremos assim, vizinhos distantes. Sem remorso, prometo. No entanto, não posso deixar de tentar. Gostaria de convidar o senhor para um café. Espero que não me leve a mal. Mas o fato é que eu nunca conheci um escritor em toda a minha vida para além dessa chama que sinto no peito e que ganha espaço conforme o tempo passa. Sinceramente, eu tenho muita curiosidade em saber um pouco mais sobre essa… como posso chamar? Carreira? Ofício? Que não está em nenhum manual de instrução.

Atenciosamente,

Júlia Terra.

deixei o bilhete debaixo da porta
e desci correndo
as escadas
assoprei um beijo pra viúva e ganhei
a rua
meu abajur interno estava aceso.
peguei o ônibus sendo olhada
por todos, era como se
de repente eu fosse Alguém.

o Maurício me esperava
na frente do belas artes.
— *que bonita* — comentou, me beijando

e sua boca estava seca.
— *você precisa beber mais água* — aconselhei.

ele assentiu.

assistimos a um filme italiano que o Beto Roberto recomendou, mas
eu não conseguia prestar atenção na história
só pensava
na Carta
e a cabeça do Maurício pesava no meu ombro, empurrei.

o que eu estava fazendo com esse cara, afinal?

eu sentia sono
toda vez que ele falava do filho
morria de tédio

quando ele começava a contar do seu dia no Sebas
ou da sua infância
no interior de Goiás.
é claro que o problema não era ele, o Maurício fazia o que estava ao seu alcance pra ser uma pessoa boa
e no fim das contas
ele não era nem só bom nem só mau, como a maioria de nós.

quando o filme acabou, ele disse que queria comer alguma coisa no Patterson.
olhei para o seu rosto eternamente cansado.
— *acho que estamos indo rápido demais* — avisei.
ele ficou confuso, acusativo.

— *foi você que me procurou*.
— *eu sei, mas as coisas estão tomando outro rumo agora*.
— *que rumo?*
— *Maurício, eu acabei de enterrar o meu pai!*
ele disse que eu estava misturando tudo.
— *exatamente. por isso preciso de um tempo sozinha.*

e comecei a caminhar
de volta pra casa

ele foi me seguindo

pegou o ônibus
comigo, sentou
no banco de trás.

desci
e ele desceu

na sombra dos meus passos

— *chega. agora Chega.* — sentenciei
na porta da pensão,

ainda assim.

eu senti uma presença

debaixo da minha janela

por toda a noite

feito um cão.

hoje em dia, costumo chegar no Café em cima da hora, já praticamente servindo um expresso na mesa tal, mas eu estava ansiosa demais naquela manhã

precisava ocupar a cabeça

com coisas práticas

jogar água do balde

no chão da cozinha

lavar, varrer

até a calçada, as paredes

me aproximei do Café

com esse intuito

e a porta estava entreaberta.

a Dona Cíntia deve ter chegado, pensei.

fiquei feliz, ela andava distante ultimamente.

quem sabe agora, com o Café vazio, nós conseguiríamos conversar um pouco

e antes que eu pudesse chamar pelo seu nome vi primeiro as costas dela

nuas

por cima de um corpo que eu conhecia

Vegas?

]me Escondi

atrás da porta

]Sim,
era o Vegas!

tive certeza pelo tom
lamurioso
dos gemidos
o mesmo que ele usava pra dizer Julinha isso, Julinha aquilo

]espiei
novamente, meu Deus
não acredito!

só espero que eles não estejam fazendo isso por
desespero.

]
Saí

do Café

flutuando de tão silenciosa

e
voltei
pra pensão
atordoada, quase correndo.

a gente pensa que conhece as pessoas
a gente se apega ao que imaginamos que conhecemos delas

mas no fim o que cada um constrói com o outro quando não estamos no recinto
é um Mistério.

— *Júlia* — a viúva me chamou.
— *esqueci uma coisa.* — menti, não queria conversar

subi as escadas
rapidamente

entrei
no Quarto e pisei
em algo, um envelope

Timbrado

sentei na cama, que rangeu.
não, não era de Paris.
então
só pode ser do…
respirei fundo. uma, duas, três vezes.
pensei em ligar o rádio, tomar um banho, dormir um pouco

Abri:

Senhorita Júlia,

Seu nome carrega a força de uma personagem de Strindberg, mas isso é mérito de seus pais. Quero dizer que só pela sua carta, minha querida, ainda que você não tivesse me contado nada, eu soube: Há uma escritora no quarto 31.

A senhorita mencionou que já me viu passando (ou flutuando, o que me deixou enrubescido!). Pois eu também tenho uma história para lhe contar. Dia desses, tive o prazer de observá-la na

biblioteca municipal. Era uma quarta-feira, se não me engano. Depois de escolher um livro, a senhorita se sentou em uma mesa larga e solitária. Ficou ali, concentrada, seus olhos não desviaram da página nem por um segundo.

Sabe, minha querida, para se tornar um escritor (ou um artista) a devoção é o ingrediente fundamental. Além da paciência, é claro, mas há camadas e camadas de paciência na palavra devoção.

A senhorita está certa quando diz: não há manual para se tornar um escritor (ainda bem, que desastre seria se houvesse!), mas através da sua carta eu pude perceber que a senhorita carrega tudo o que precisa para se tornar uma escritora.

Aposto que está se perguntando: então por que ainda não sou? Bem, a resposta é simples. Basta que a senhorita decida dentro de si. Levante o rosto de suas dúvidas (e dores!) e comece a caminhar em direção a seus sonhos. A estrada será tenebrosa, dificílima, amarga e até impossível em muitos momentos, não vou mentir. Mas é importante dar um passo, ainda que seja mínimo, em direção à sua arte, diariamente. Saiba que os artistas têm as horas a seu favor, eles não sentem solidão quando estão criando, são os meninos dos olhos do Tempo e, por terem o afeto desse Deus, são os únicos que conseguem vencê-lo, ainda que simbolicamente.

Faça isso, minha querida, se autorize. Daqui a uns anos, quando olhar para trás, vai perceber, orgulhosamente, que está cada dia mais perto do seu coração selvagem

bateram na porta

me Acordando, deixei

a Carta na cama.

abri, me sentindo uma (((astronauta)))

ou qualquer coisa sem pés no chão.

— telefone pra você, meu amor.

— pra mim?

— *é, parece que o seu está fora do gancho.*

— *mas quem é?*

— *uma senhora, não deu pra ouvir o nome, eu estava conversando com o Ivan sobre o aluguel.*

descemos as escadas.

— *tá tudo bem?* — ela me perguntou.

— *Tá, sim.* — Sorri.

puxei o fio para o canto do balcão.

— *alô?*

— *Júlia?*

— *ela.*

— *é a Clotilde, menina.*

— *Ah! nossa,*
como vai a senhora?

— *vou bem, graças a Deus.*
tá podendo falar um minutinho?

— (apertando o telefone) *claro.*

(vozes ao fundo)

— *aconteceu alguma coisa?*

— *aconteceu, sim, viu, Julinha,*
uma coisa muito estranha.
a sua mãe, ela
se perdeu.

— como assim se perdeu?

— foi agora há pouco lá na rua da farmácia.
mas pode ficar tranquila
ela já está aqui com a gente, viu, menina
tá descansando no meu quarto.
porque pra mim isso é cansaço
a sua mãe não para um minuto.

— mas o que aconteceu, Clotilde? eu não entendi.

— é que o meu marido, você conhece o Tonho?

— conheço, claro.

— ele foi na farmácia
comprar o meu remédio
de pressão.

(vozes)

— deixa eu falar. (aborrecida) *você quer falar?*
então deixa eu falar.
(outro tom) *aí quando ele chegou*
lá na farmácia
ele viu a sua mãe
completamente perdida.

— lá dentro?

— coitada.

— (impaciente) *dentro da farmácia, Clotilde?*

— não, não, na frente.
a Vera tava na frente
não é isso, Tonho?

(vozes)

— parecia uma Turista.

— ela estava passando mal?

— pois é, foi o que o Tonho perguntou
mas a sua mãe não respondeu.
aí ele pegou no braço dela
pra ajudar, né, filha.
e ela foi agressiva com ele,
não foi, bem?

(vozes)

— ele pensou até

que ela estava embriagada

Deus que me perdoe!

sei que a sua mãe não é disso.

— Clotilde, eu tô indo praí, tudo bem?

minha mãe tá dormindo?

— aí o Tonho correu aqui pra casa.
tava b r a n c o, parecia uma cera.

(vozes)

— tava branco, sim, homem. vou mentir?
ele veio me chamar pra acudir a sua mãe.
pois eu fui na mesma hora,
e quando eu vi essa mulher na calçada,
valha-me Deus.

— o quê?

— ai, menina.

— ela tá machucada?

— não, não é isso.
não é isso, filha
como eu posso explicar?
quando eu vi
a sua mãe na calçada, bem, era ela ali
é claro que era, mas
ao mesmo tempo
não sei, Júlia
parecia que a sua mãe não estava lá.

entrei no quarto da Clotilde, tudo escuro apesar de ser manhã
e um cheiro
forte de tricô
misturado com a porcelana
das bonecas espalhadas
pela cômoda.

minha Mãe estava deitada
de barriga pra cima
na cama estrangeira, senti medo
de perdê-la
antes mesmo de
tê-la

— *Mãe?*

— (se virando pra mim) *Sérgio*?

— *sou eu*, *Mãe. a Júlia.*

— *Sérgio!* — ela disse

tentando alcançar

minha boca

tentando alcançar

minha boca

deixei.

Agradecimentos

à minha Família, Evandro, Marilú, Vivian e Kaká,
pelo Apoio incondicional.

ao Tiago Juliani, pelo Colo, Ombro e primeiras leituras.

à Lucia Riff, por me dar a Mão e dividir comigo a sua Experiência.

às leituras e Amizade de Lisley Nogueira e Daniel Lima.

aos Poetas Stefanni Marion e Rafael Cavalcanti, pelas trocas
Inspiradoras de cartas, cafés e flores mortas.

à leitora Aline, que sem querer me mostrou o Título
desse livro.

ao Emilio Fraia, pelo Acolhimento e pelo almoço,
em meados de 2018.

às minhas editoras, Camila Berto e Stéphanie Roque,
que me lembraram da Força e do Prazer de trabalhar
em grupo.

às minhas preparadoras de texto, Ciça Caropreso
e Lucila Lombardi, pela Sensibilidade.

à Companhia das Letras, por receber minhas palavras

magras

em um Barco.

aos meus Leitores,

especialmente. por me darem o Tempo
e os Olhos
nas páginas que escrevo.
com Amor,
Aline.

RENATO PARADA

ALINE BEI nasceu em São Paulo, em 1987. É formada em letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em artes cênicas pelo Teatro-escola Célia Helena. Seu romance de estreia, *O peso do pássaro morto* (2017), foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura e do prêmio Toca, além de finalista do Prêmio Rio de Literatura. Pequena coreografia do adeus é seu segundo livro.